

A SRA. MESTRA DE CERIMÔNIAS – Senhoras e senhores, bom dia.

Neste momento, damos início à abertura do seminário Pensamento, Legado Político e Social do Líder Trabalhista Gaúcho. A atividade é integrante da programação alusiva aos 10 anos de Leonel de Moura Brizola.

Prestigiam este encontro: o Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, deputado Gilmar Sossella; o Sr. Subprocurador-Geral de Justiça, Dr. Marcelo de Lemos Dornelles; o Sr. Representante do Governo do Estado e Subchefe da Casa Civil César Martins; e o Sr. Deputado Federal Vieira da Cunha.

Painelistas deste encontro: o ex-governador Alceu Collares; o sociólogo, historiador e escritor Juremir Machado; o ex-deputado e ex-assessor do governador Leonel Brizola, Hélio Fontoura; o jornalista Carlos Bastos; a professora doutora Lia Ciomar Macedo de Faria; o arquiteto Paulo Alberto Schmidt; o irmão do governador Leonel Brizola, Jesus de Moura.

Também registramos as presenças do presidente da ARI, jornalista João Batista de Melo Filho; dos ex-deputados Dario Futuro, Ney Ortiz Borges; do superintendente-geral da Assembleia Legislativa, Artur Souto; do superintendente de Comunicação Social e Relações Institucionais da Assembleia Legislativa, Cleber Bertoncello; do chefe de gabinete da presidência da Assembleia Legislativa, Jair Müller; e de representantes da imprensa.

Convidamos para fazer a saudação da abertura deste encontro o Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, deputado Gilmar Sossella.

O SR. PRESIDENTE GILMAR SOSSELLA – Muito bom dia, amigos e amigas.

Estamos, hoje, dando início a este evento tão especial para nós. Sábado passado completaram-se 10 anos desde a morte de Brizola, e na Assembleia Legislativa, em 2014, estamos promovendo uma série de atividades que marcam as chamadas datas redondas.

Iniciamos com a homenagem aos 120 anos de nascimento de Oswaldo Aranha e o seminário relativo aos 50 anos do Golpe Militar – para nos lembrarmos do episódio e para que ele nunca mais se repita. Com o evento de hoje, rememoraremos os 10 anos da morte de Brizola, estando programados para este ano, ainda, os eventos relativos aos 60 anos da morte de Getúlio de Dornelles Vargas, aos 100 anos de Lupicínio Rodrigues e aos 90 anos da Coluna Prestes.

Teremos nas chamadas datas redondas, portanto, eventos em que a Assembleia Legislativa procurará resgatar a trajetória dessas personalidades gaúchas. Faremos isso com debates e a edição de livros, como ocorrerá aqui no dia de hoje.

Saúdo o subprocurador-geral de Justiça, Marcelo de Lemos Dornelles; o representante do governo do Estado e subchefe da Casa Civil, César Martins; o sempre querido deputado Vieira da Cunha; o nosso sempre governador Alceu de Deus Collares; o sociólogo, historiador e escritor Juremir Machado, a quem estava dizendo que na Câmara Municipal de São Borja estão publicados, com muito boa apresentação, todos os seus artigos; a jornalista Dione Khun; o ex-deputado e ex-assessor do governo Leonel Brizola, Hélio Fontoura; o jornalista Carlos Bastos; os ex-deputado e grande amigo Ney Ortiz Borges, líder do governo João Goulart; a professora e doutora Lia Ciomar Macedo de Faria; o arquiteto Paulo Alberto Schmidt; e o irmão do nosso querido Leonel de Moura Brizola, Jesus de Moura.

Cumprimento, também, o presidente da ARI, João Batista Filho; o ex-deputado Dario Futuro e a equipe da Assembleia Legislativa. Muito obrigado pela presença de todos; é uma honra tê-los conosco.

Não poderia deixar, a Assembleia Legislativa, de fazer este tipo de menção ou resgate histórico de pessoas, de personalidades que muito marcaram a vida gaúcha, brasileira e – por que não? – até mesmo internacional. Leonel de Moura Brizola, para nós, foi um grande conselheiro.

Lembro-me muito bem, governador Collares, de dois fatos que deixaram marca indelével em minha vida, em minha caminhada, quando era prefeito da minha querida Tapejara. O primeiro deles foi quando afirmei a Brizola que era de Tapejara, e ele comentou: *Tapejara, terra de Tibério Amotea!* Referia-se a um senhor que tinha um moinho de trigo, e ele era fiscal do trigo. Depois, comentei com outras pessoas: *Que excelente a memória desse governador!* Daí me explicaram que lá havia uma menina que lhe interessou muito quando ele ainda era jovem e solteiro.

A outra: quando eu era prefeito de Tapejara em segundo mandato, em estava enfrentando um grande dilema, se devia renunciar ou não ao mandato para concorrer a deputado estadual. Aquela foi a melhor lição que recebi dele. Numa reunião, em Passo Fundo, ele disse: *Sossella...* Com aquele jeito dele, de parar para que ficassemos esperando. *Quando nos candidatamos, temos um compromisso com a população. Tu estás no segundo mandato, e, se quiseres um conselho meu, faça um plebiscito. Não devemos renunciar a um mandato.*

Não fiz um plebiscito, mas fiz uma pesquisa, que apontou que 40% não queria minha renúncia, mas 60% queria. Diante daquele índice muito alto, decidimos

manter a honra e a palavra diante da população de Tapejara, algo fundamental.

Depois daquilo, muitas coisas boas aconteceram. Inclusive tive a oportunidade de ser presidente da Famurs, que talvez tenha sido a janela que me faltava, já que me elegi deputado estadual por apenas 68 votos em 2006.

Portanto, vejam como recebi uma lição de que eu talvez não tivesse logrado êxito não fossem por aqueles aconselhamentos do nosso querido Leonel de Moura Brizola.

Trago esses fatos porque sei que todos são conhecedores da sua história e da sua biografia. É uma honra muito grande, principalmente para nós, do PDT, realizar esta homenagem a esse cidadão que tanto nos orgulha, que nos dá referência, que nos dá ânimo, que nos dá alegria, tanto que reverenciamos em São Borja a sua morte. Saudamos o nosso líder com muito entusiasmo e com muita alegria. Que ele continue sempre inspirando a todos nós para que façamos sempre a boa prática política em todas as nossas ações.

Sejam todos bem-vindos. É uma grande honra para a Assembleia Legislativa poder realizar esses eventos e poder contar com a presença de ilustres personalidades. Sintam-se todos abraçados e homenageados. Um bom dia a todos e um bom encontro. (palmas)

A SRA. MESTRA DE CERIMÔNIAS – Também gostaríamos de registrar a presença da deputada estadual Juliana Brizola.

Neste momento, daremos início ao primeiro painel deste seminário, intitulado *Pensamento e Ação Política de Leonel Brizola*.

Convidamos a compor a mesa, como mediador, o jornalista Carlos Bastos; como painelistas: o ex-governador Alceu Collares; o sociólogo, historiador, escritor e jornalista Juremir Machado; o ex-deputado e ex-assessor do governo Brizola, Hélio Fontoura.

Neste momento, passamos a coordenação dos trabalhos ao jornalista Carlos Bastos.

O SR. MEDIADOR (Carlos Bastos) – Bom dia a todos.

É uma honra mediar este debate sobre a figura de Leonel Brizola, seu legado político e social neste evento patrocinado pela Assembleia Legislativa.

Brizola nasceu em Cruzinha, hoje Município de Carazinho. Na época, pertencia ao Município de Passo Fundo. Isso deu vaza para ele na campanha de 1958 ao governo do Estado, porque em Carazinho ele dizia que era natural de Carazinho, uma vez que Cruzinha pertencia ao Município, e em Passo Fundo dizia que era passo-fundense, porque, quando nasceu, Carazinho pertencia a Passo Fundo. Esse era Leonel Brizola.

Foi engraxate na rodoviária de Carazinho e com 14 anos veio para Porto Alegre, onde trabalhou como ascensorista na Galeria Chaves. Depois estudou na ETA, em Viamão, e acabou cursando Engenharia na Universidade Federal.

Eu tenho para mim que, pela sua carreira, por ele ter vindo do nada e ter se transformado num engenheiro, essa era a razão da sua obsessão pela educação.

Posteriormente, ajudou a fundar o Partido Trabalhista Brasileiro de Getúlio Vargas, elegeu-se deputado estadual duas vezes, foi secretário de Obras e se transformou num grande gestor público do governo Dornelles. Elegeu-se deputado federal, prefeito de Porto Alegre, governador do Estado e, para deputado federal pelo Rio de Janeiro se elegeu com uma votação recorde – o eleitorado do Rio era de 1 milhão de eleitores e ele recebeu 250 mil votos. De cada quatro cariocas um votou em Leonel Brizola na eleição de 1962.

Isso, no meu entendimento, está na base da consistência das suas duas candidaturas ao governo do Rio de Janeiro, onde se elegeu mais tarde.

Mas para falar melhor sobre Leonel Brizola temos aqui os painelistas de hoje. Um deles é Hélio Fontoura, autor do livro *40 Anos ao Lado de Brizola*. Ele foi taquígrafo da Assembleia Legislativa e seu pai, Bolívar Fontoura, foi o primeiro taquígrafo da Assembleia. Hélio Fontoura trabalhou com Brizola na Secretaria de Obras do Estado, trabalhou com Brizola na prefeitura de Porto Alegre, trabalhou com Brizola no governo do Estado do Rio Grande do Sul, esteve com Brizola no exílio e participou dos dois governos de Brizola no Rio de Janeiro – no primeiro governo, na sua integridade, e no segundo governo, na metade.

Passo a palavra ao companheiro Hélio Fontoura.

O SR. HÉLIO FONTOURA – Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, companheiros de partido, senhoras e senhores:

Quando fui convidado para falar no seminário *Brizola, o Estadista da Educação*, comecei a selecionar trabalhos que reuni para publicação do livro que

lançei em 2005, na Feira do Livro de Porto Alegre, intitulado *40 Anos ao Lado de Brizola*. No próximo ano lançarei a segunda edição ampliada: *Brizola, o Administrador*.

Posso falar com conhecimento de causa porque estivemos juntos na Secretaria de Obras Públicas, em 1953; na prefeitura de Porto Alegre, em 1955; no governo do Estado, em 1958; na Legalidade, em 1961; e nas lutas contra a ditadura após 1964, quando cassaram o meu mandato de deputado estadual e fui obrigado a responder a um IPM no 3º Exército.

Estivemos juntos no exílio no Uruguai, em Nova Iorque e em Portugal. Participei do encontro de Lisboa, em junho de 1979, quando se reuniram os trabalhistas exilados de vários países e os companheiros do Brasil com a finalidade de fundar um novo PTB, cuja legenda nos foi tomada por manobras da ditadura.

Fiz parte também da equipe de governo do Rio de Janeiro. Na Secretaria de Obras Públicas, o deputado Leonel Brizola, indicado para o cargo pelo governador Ernesto Dornelles, começou a revelar a sua capacidade de bom administrador.

Com uma visão estratégica sobre as necessidades mais urgentes do Rio Grande do Sul, definiu os principais empreendimentos que trouxeram excepcional progresso ao Estado. Com grande visão administrativa e de planejamento a médio e longo prazos, desenvolveu projetos e estudos não só nas áreas técnicas e de engenharia, mas também de viabilidade econômica, no sentido de obter melhor aproveitamento dos recursos públicos.

Suas principais obras foram: ponte sobre o rio Pardo, reaparelhamento do DAER, reequipamento do Departamento Aeroviário, Estação Ferroviária Augusto Pestana, em Porto Alegre, implantação de trens Minuano a diesel, melhorias no Aeroporto Salgado Filho, reaparelhamento do Departamento de Portos, Rios e Canais, implantação de 23 portos lacustres e fluviais, construção de 40 hidráulicas no interior do Estado e deu início à construção de grande número de escolas no interior do Rio Grande do Sul.

Eleito prefeito de Porto Alegre em novembro de 55, tendo como vice o velho trabalhista Tristão Sucupira Viana, o Dr. Brizola começou a tomar iniciativas que foram muito bem recebidas pela população, dentre elas promoveu a reestruturação da Secretaria da Fazenda e implementou um sistema integrado de planejamento. Com essa medida, a arrecadação aumentou e foi possível dar um tratamento justo ao funcionalismo.

Realizou uma administração moderna, dinâmica e competente. Uma empresa especializada fez a reavaliação do imposto predial dos imóveis da cidade,

tornando possível fazer justiça tributária. Os imóveis dos bairros populares tiveram o IPTU reduzido.

Promoveu a canalização de água em todas as vilas populares de acordo com as prioridades estabelecidas pelas associações de moradores. Implantou 110 quilômetros de rede de água. Construiu a hidráulica de São João, aumentando a capacidade de outras duas, Moinhos de Vento e Cristo Redentor. Foram construídos mais de 80 quilômetros de rede de esgoto. Foi feita a remodelação, o alargamento e a iluminação das Avenidas Farrapos, Assis Brasil e Protásio Alves, urbanização do Passo da Cavalhada e asfaltamento da estrada Cristal. Foram implantados modernos ônibus elétricos, os trólebus. Foi renovada a frota de ônibus público.

Foi construído grande número de parques e campos populares de futebol. Foi criado o maior parque da cidade, o Saint Hilaire, na divisa com Viamão.

A educação, sua menina dos olhos, recebeu tratamento especial. Foram construídas 187 escolas primárias para 47.950 alunos, acabando com o déficit escolar em Porto Alegre. Os professores receberam curso de aperfeiçoamento e foi incrementada a alfabetização de adultos.

Aterro do Guaíba. O prefeito Brizola enfrentou o Guaíba aterrando a área no prolongamento da Avenida Borges de Medeiros, que atualmente abriga grandes prédios públicos e privados. Apesar das críticas da época com os gastos resultantes desse trabalho, hoje é incalculável o valor de cada metro quadrado da área aterrada. O aterro proporcionou à cidade o ganho de uma imensa área pública, onde foram construídos o Parque Marinha do Brasil e o Estádio Beira-Rio, do Sport Club Internacional, cuja área foi cedida pelo prefeito Brizola.

Cinturão verde. Lembrando de seu tempo de técnico agrícola na ETA, criou o programa para estimular a produção de hortaliças e frutas nas chácaras de Belém Velho e Vila Nova. A distribuição de mudas e sementes entusiasmou os produtores que colhiam cada vez mais e obtinham bons lucros. Os leilões espanhóis, ocorridos atualmente em Porto Alegre, têm origem nas sementes distribuídas naquela época, rumo ao governo do Estado.

Nas eleições de 10 de outubro de 1958, o Dr. Brizola, com 37 anos, tendo como oponente o coronel Walter Peracchi Barcelos, conquistou a vitória com o binômio de campanha educação popular e desenvolvimento econômico, derrotando uma frente de três partidos, integrada pelo PSD, PL e UDN.

O PDT e o PTB fizeram 670 mil votos contra 500 mil dos adversários.

O governo iniciou a todo o vapor. Foram escolhidos os melhores nomes do

partido e alguns notáveis sem vinculação partidária para o secretariado. As reuniões do secretariado começavam às 7 horas da manhã e não tinham hora para terminar. Cada secretário recebia o seu plano de trabalho para execução das obras com verbas asseguradas e prazo definido para sua execução. O planejamento era centralizado e a execução descentralizada.

Orçamento do seu governo. A eleição foi realizada no dia 3 de outubro e o orçamento do Estado deveria ser aprovado no Legislativo até o dia 30 do mesmo mês. Amparado em sua grande vitória nas urnas, com prestígio em alta e impressionante apoio popular, o governador eleito começou a trabalhar para que o próximo orçamento a ser aprovado tivesse a sua cara. Como o PTB tinha uma grande bancada, o orçamento para o próximo ano foi rapidamente aprovado.

Salão Negrinho do Pastoreio. Apesar de algumas reclamações da classe A, o Salão Negrinho do Pastoreio, área destinada a festas e recepções no Palácio Piratini, foi transformado, com divisões provisórias, em salas de trabalho do Gabinete de Administração e Planejamento – festas não; trabalho sim.

Brizoletas. Dr. Brizola assumiu o governo em 1959 em uma situação financeira difícil e delicada. Os salários do funcionalismo estavam atrasados e os fornecedores e empreiteiros pressionavam para receber suas faturas. Então, com sua inteligência, perspicácia, audácia e experiência para incrementar e dinamizar as obras planejadas, fez uma antecipação de receita, criando as brizoletas.

A credibilidade desses títulos era tal que passaram a circular como dinheiro vivo, aceitas no comércio, na indústria e nos bancos. Com elas, podiam ser pagos impostos, taxas e dívidas fiscais. Todos as aceitavam certos de que, no vencimento, o Banrisul as resgataria sem nenhum desconto. Esses títulos foram usados também para o pagamento das 6 mil 302 escolas construídas pelo Rio Grande do Sul.

Por meio do Gabinete da Administração e Planejamento – GAP – foi possível trabalhar com maior eficiência e rendimento. Essa organização contava com engenheiros, economistas, médicos, arquitetos, advogados, pessoal ligado ao setor de educação, da saúde, da energia elétrica, da agricultura, da pecuária, do meio ambiente e da estatística.

O GAP controlava todas as obras e informava ao governador o seu andamento detalhadamente. Tudo era checado mês a mês.

Em pastas especialmente preparadas, eram registrados todos os dados das obras realizadas: o seu planejamento, o custo total, o número de operários, a quantidade de máquinas em operação, a verba destinada e o término provável.

Pensamento, legado político e social do líder trabalhista gaúcho-Leonel Brizola
Porto Alegre – 24-06-2014

O governador sabia de tudo o que se passava no governo, para isso trabalhava de 14 a 16 horas por dia – e isso não o incomodava. Moço ainda, cheio de vitalidade, o seu organismo não exigia muitas horas de sono. No inverno, a lareira do gabinete do governador nunca apagava. Trabalhávamos até de madrugada e reiniciávamos bem cedo as nossas atividades. Às vezes, eu chegava ao Palácio Piratini às 7 horas, e o governador já estava trabalhando.

Foram construídas 6.302 escolas em um ano e meio. Como foi possível construir tantas escolas em tão pouco tempo? Vou revelar essa engenharia porque tive a felicidade de participar desse importante empreendimento. Somente com a força, com a experiência e com a força de trabalho organizado, vencendo a burocracia do serviço público é que o Dr. Brizola conseguiu executar esse projeto. Depois de colocar as finanças em ordem, tendo, portanto, capacidade de investimento, foi feito um levantamento da necessidade de todas as escolas de cada Município.

O governador chamava o prefeito e dizia-lhe: *tenho 80% da verba para construir todas as escolas de seu Município, e os restantes 20% deverão ficar a cargo de suas comunas, contribuindo com mão de obra.*

Os prefeitos tinham que conseguir a doação dos terrenos. Apesar da oposição dos conservadores dos partidos adversários e da reacionária igreja da época, o projeto foi um sucesso. As escolas eram pré-fabricadas de madeira, e, pela quantidade exigida, o consórcio que se formou para construí-las podia entregá-las a preço reduzido. Entretanto, tinham todas as condições necessárias para abrigar os seus alunos. O projeto deu tão certo que houve casos em que os presos pediram para sair da cadeia a fim de construir a escola para os seus filhos.

Para não alongar esse depoimento, refiro apenas a presença marcante do governador Brizola na reunião de Florianópolis com Jânio Quadros quando o presidente aprovou a construção da usina de Alegrete.

A reforma agrária, a construção da Aços Finos Piratini, o projeto da Refinaria Alberto Pasqualini em Esteio e a encampação das multinacionais ITT e Bond & Share, de repercussão internacional e de ampla divulgação na mídia, são do conhecimento de todos.

Eleições para governador do Rio de Janeiro. A candidatura de Brizola ao governo do Rio de Janeiro pelo Partido Democrático Trabalhista foi lançada em março de 1982 e enfrentou feroz oposição dos conservadores, da Rede Globo, da Tribuna de Imprensa e de outros organismos internacionais. Saindo de 3% nas pesquisas, com um discurso agressivo e verdadeiro, foi empolgando a população carioca e atropelando todos os seus adversários, mesmo fazendo uma campanha com

recursos muito limitados. Quando se confirmaram as suspeitas de fraude, por meio da Proconsult, dos setores militares e da mídia reacionária, Brizola reuniu a imprensa estrangeira que tinha vindo ao Rio de Janeiro para cobrir as eleições e denunciou as manobras que tentavam lhe surrupiar a vitória.

Administração do Rio de Janeiro. Vou elencar apenas algumas obras que Brizola realizou no Rio de Janeiro. CIEPs. Nos CIEPs, as crianças ficavam o dia todo estudando, alimentando-se e praticando esportes. A ideia era passar a limpo a escola sob todos os aspectos, do didático ao espaço físico, da filosofia à situação atual. Sua importância consistia em não ser apenas um grande prédio escolar, mas um estabelecimento construído em função de uma nova proposta educacional voltada para a realidade social do Brasil. Sua atuação educacional estendeu-se na reformulação dos conceitos até à valorização dos conteúdos, atendendo ao professor e ao aluno.

Quando as futuras gerações estudarem educação no País, vão lembrar de aplaudir Brizola, que, em seus governos no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, deu ênfase especial à educação do nosso povo. Sem educação e sem maiores conhecimentos, o povo não tem condições de reivindicar na sua integralidade os seus direitos, nem de exercer de fato sua cidadania, como afirmava Darcy Ribeiro.

Outras iniciativas no Rio de Janeiro. Estruturou o Programa de Medicina Preventiva, contratando 8 mil profissionais na área de saúde, fazendo cair a mortalidade infantil em 20%, recuperando 10 hospitais e introduzindo o serviço odontológico nos CIEPs.

Complementou o sistema educacional com recursos condizentes com sua escolha como prioridade máxima destinando-lhe verbas que chegaram a 25% do orçamento.

Priorizou o ensino de 1º Grau reformando completamente 3.075 escolas. Descentralizou a merenda escolar, acabando com a corrupção em sua distribuição, diminuindo em muito o custo unitário das refeições. Implantou o sistema de distribuição de leite B – o melhor de todos – em mais de mil escolas, atendendo inclusive nas férias 450 mil crianças.

Seu governo promoveu a contratação de 30.947 novos professores no Estado e no Município. Os CIEPs representaram acima de tudo a quebra do ciclo que conduz à marginalidade e representa o início do processo de construção da cidadania.

Passarela do Samba. O Sambódromo, projetado por Oscar Niemeyer com assessoria do vice-governador Darcy Ribeiro, foi construído com a intenção de dar às escolas de samba um palco digno para essa manifestação da cultura carioca. Durante

o carnaval, turistas brasileiros e estrangeiros comparecem ao Sambódromo, mas, durante o ano inteiro, centenas de alunos estudam nas salas de aula construídas no piso inferior. Além disso, oferece à cidade um espaço para grandes espetáculos públicos na Praça da Apoteose. A construção do Sambódromo poupou vultosos recursos que eram consumidos em tempo e dinheiro, todos os anos, na montagem e desmontagem das arquibancadas e camarotes para os desfiles. As obras se pagaram em três anos.

Reunião com os engenheiros da prefeitura: quando se discutia a maneira mais rápida e eficiente para a construção desse palco para o carnaval carioca, o Dr. Brizola reuniu todos os engenheiros do Estado e da prefeitura, que na época ainda não tinha autonomia para tratar do assunto.

Esses engenheiros, mostrando dados do serviço de meteorologia dos últimos anos, afirmaram que era impossível construir essa obra em tão pouco tempo, pois a chuva iria atrapalhar.

Ao término da reunião, o governador perguntou: *Os senhores acham que não é possível construir o Sambódromo em tão pouco tempo?* Todos foram unânimes em afirmar que era impossível. Disse o Dr. Brizola, entretanto: *Os senhores acham que não dá, mas eu vou construir.*

Não é que o Dr. Brizola conseguiu construir o Sambódromo?

Não fazia negócios. Mesmo sendo bom administrador, o Dr. Brizola não se envolvia em negócios e nunca teve compromisso com grupos econômicos. Afirmava que político não devia comprar nem vender nada para afastar especulações.

Os negócios, dizia, era tarefa de banqueiros e comerciantes, que nem sempre trabalham com o escrúpulo recomendado pela boas normas de conduta.

Termino esta manifestação quando completo 86 anos de idade, lembrando a vida limpa e honesta do governador Leonel Brizola, que nos deixou há 10 anos, quando dizia: *O dinheiro do contribuinte é sagrado, e não se pode transigir com o interesse público.*

Muito obrigado. (palmas)

O SR. MEDIADOR (Carlos Bastos) – Muito obrigado pelo belo depoimento, ex-deputado Hélio Fontoura.

O jornalista Juremir Machado da Silva nasceu em Santana do Livramento,

em 29 de janeiro de 1962. É professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde coordena o programa de Pós-Graduação em Comunicação Social.

Graduado em História e em Jornalismo pela PUC do Rio Grande do Sul, é doutor em Sociologia pela Universidade Sorbonne de Paris, tendo sido orientado por Michel Maffesoli. Foi pesquisador do CNPq e fez Pós-Doutorado na França, sob orientação conjunta de Edgar Morin, Jean Baudrillard e Michel Maffesoli.

De 1993 a 1996, atuou como correspondente do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, na Europa, baseado em Paris. É cronista do jornal gaúcho *Correio do Povo*, no qual assina uma coluna diária. Apresenta *Esfera Pública* todos os dias, na Rádio Guaíba, onde também participa de outros programas.

O Juremir Machado é autor de 32 livros, dentre os quais *Vozes da Legalidade*, que versa sobre Leonel Brizola.

O SR. JUREMIR MACHADO DA SILVA – Bom dia a todos. É um grande prazer e uma grande honra participar deste evento em homenagem a Leonel Brizola. É, inclusive, uma tarefa bem difícil, na medida em que estou aqui entre pessoas que conviveram com Brizola, que foram protagonistas da história junto com Brizola, que são fontes de todos para se falar de Brizola, e também entre familiares, como a deputada Juliana Brizola e o seu Jesus. Então, é quase um atrevimento falar de Brizola diante do ex-governador Collares, do Bastos, do Fontourinha. É quase uma ousadia.

Se o sujeito tivesse um pouco mais de sensatez, não o faria, porque a possibilidade de ter alguma coisa que não (falha na gravação) é mínima. E a possibilidade de dizer algo que seja errado é maior ainda. Então, sinceramente, é uma tarefa espinhosa. Mesmo assim, queria falar de um aspecto muito específico da trajetória de Brizola. Eu diria: Brizola, o comunicador.

A meu ver, Brizola, dentre tantas qualidades que teve, foi um extraordinário comunicador. Diria até mais para ousar um pouco. Diria que Brizola foi o inventor das redes sociais. Ele antecipou as redes sociais. Percebeu a importância de estabelecer canais diretos de comunicação com a população. E vocês sabem a que episódios me refiro.

Antes de entrar nesses aspectos, antes de destacar alguns dos momentos maiores de Brizola como comunicador, gostaria também de me referir ao Brizola como alguém que está no imaginário popular de uma maneira muito particular e que é referido sempre com aquelas expressões mais populares, às vezes até quase

vulgares, mas que são muito nossas e que são muito verdadeiras.

Toda vez que eu falo com as pessoas nas ruas, nos bares, nas praças, em qualquer lugar deste Rio Grande do Sul afora, sobre o Brizola, basta dizer *hoje vamos falar de Leonel Brizola*, que sempre tem alguém para responder: *Ah, Brizola! Esse era galo*. Então, é algo muito nosso, que caracteriza profundamente quem foi Brizola.

E mais. Um complemento. Sempre que alguém diz que *esse era galo*, outro responde: *Esse era de faca na bota*. Então, esse é o Brizola que nós conhecemos. E quem estuda o período, quem se dedica a conhecer Brizola pelos jornais, pelos livros, pela história escrita, percebe rapidamente o seguinte: que comparado com outros governadores – não estou dizendo do ponto de vista de quem conviveu, de quem teve o privilégio de participar dessa história, mas de quem a estuda simplesmente –, Brizola foi disparado o melhor governador da história do Rio Grande do Sul. É uma constatação que se tira do exame daquilo que ele fez como governador, quando colocado em comparação com os outros governadores.

Tarefa sempre interessante. Por exemplo, para o deputado Vieira da Cunha, que poderá ser o próximo governador do Rio Grande do Sul. Tem como horizonte esse monstro da política e da comunicação, que foi o Leonel Brizola. Uma referência, não só pelo ouvir dizer ou por aproximações, mas, como fez o Fontoura agora, por aspectos objetivos da sua atuação. É possível recuperar, encontrar, enumerar aquilo que o Brizola fez. Praticamente todas as coisas boas que existem por aí, no caso do Rio Grande do Sul, foram feitas pelo Brizola. Assim como, no caso brasileiro, quase tudo que impacta nossa vida de modo positivo foi feito durante os governos de Getúlio Vargas.

É muito difícil encontrar algo positivo da nossa vida cotidiana. O sujeito olha para trás e diz aquelas coisas que todos sabemos: legislação trabalhista, voto para as mulheres, tudo graças ao Getúlio Vargas.

Nesse horizonte, eles estão sempre presente.

Tenho a alegria de ter escrito livros sobre os três maiores personagens da política gaúcha no âmbito nacional, no século XX: Getúlio Vargas, João Goulart e Brizola. Daí, a meu ver, a grande responsabilidade dos trabalhistas. Eles têm este patrimônio, três políticos de primeira linha no Brasil, não só no Rio Grande do Sul. Políticos ao mesmo tempo, em algumas coisas antagônicos, mas sempre complementares. Políticos que se cruzaram e se influenciaram, políticos que construíram uma trajetória em comum, com suas diferenças.

Brizola, por exemplo, tem este aspecto maravilhoso de ter sido um espírito

como nós gostamos: impetuoso, ousado, sempre pronto para todas as peleias. Brizola é como todo o gaúcho se sente: aquele que está disposto a morrer peleando, que é algo extraordinário, que demonstra coragem, determinação, desprendimento e uma grande capacidade de comunicação.

A comunicação para o Brizola esteve quase sempre presente e se cruzou com os meios de comunicação propriamente ditos em muitos momentos. Talvez o primeiro mais conhecido foram as suas palestras na Rádio Difusora. As palestras do Brizola, às sextas-feiras, constituíram-se numa espécie de embrião, digamos assim, para o que foi depois a Rede da Legalidade.

Com a Legalidade – que não precisamos historiar, pois todos a conhecem na ponta da língua –, o Brizola realizou uma façanha digna realmente de ilustrar o nosso hino tão modesto do Rio Grande do Sul: *Sirvam nossas façanhas de modelo a toda a terra*. Os ministros militares, que tentaram aquele golpe em 1961, pensaram assim: *Está no bolso. É o golpe mais fácil que se tem para dar*. Eles não contavam com a reação criativa, inusitada, inimaginável da criação de uma rede de rádios e da sua utilização por um sujeito com um verbo inflamado, capaz de mobilizar a população, como se estivesse hoje usando o Twitter e o Facebook.

Só fico imaginando o Brizola na época do Facebook e do Twitter! Ele iria incendiar este País! Nós teríamos uma enxurrada diária de tuitadas espetaculares, mobilizando todo mundo!

As coisas que o Brizola fez, por exemplo, as encampações das empresas estrangeiras aí, de luz e telefone, foram gestos da maior ousadia, da maior coragem. E foram as melhores bofetadas que os americanos já tomaram na cara. Por isso, obviamente, não puderam engolir aquilo nunca e sofrem até hoje.

Claro que não podemos nunca deixar de referir o texto que o Cid Moreira leu no *Jornal Nacional* que foi a maior humilhação que a Rede Globo sofreu em toda a sua história, merecidamente. (palmas) Ninguém fez e ninguém fará melhor em relação à Rede Globo. É simplesmente de se colocar na parede, é realmente de se enquadrar.

Nessas tantas trajetórias do Brizola como um homem de comunicação, cito os seus famosos discursos na Rádio Mayrink Veiga. Em 1964, o Brizola incendiava o Brasil numa situação que até era controvertida – e o Jango, certamente, gostaria que, naquela época, ele fosse um pouco mais devagar, porque colocou muita lenha numa fogueira que já estava grande.

Aí chego a um ponto interessante: o Brizola foi o homem das redes. Na Mayrink Veiga, ele teve programas que se chamaram Rede do Esclarecimento, Rede

da Legalidade. Portanto, as redes sempre estiveram na vida do Brizola.

Quero também falar aqui – claro, que não vou me alongar – sobre um jornal de curtíssima vida que teve a marca intensa e mais profunda do brizolismo, que foi o jornal *Panfleto*, que teve apenas sete edições, de 17 de fevereiro de 1964 a 30 de março do mesmo ano, publicado no Rio de Janeiro.

Era um jornal que tinha, como uma espécie de *slogan*, dirigir-se ao homem da rua. A sua declaração de princípios dizia magnificamente o seguinte: *Panfleto proclama a completa falência das estruturas sociais arcaicas e enfileira-se entre os que preconizam a necessidade de imediatas reformas de base. Nega à minoria oligárquica que domina a política brasileira o direito de excluir da comunhão nacional os analfabetos, os soldados e os marinheiros.*

Assume, desde logo, uma posição legalista, mas não se conforma com a cristalização das leis, que se transformam em obstáculos intransponíveis ao progresso e até em arma antipopular. A Constituição pode e deve ser dinâmica, incorporando constantemente as reivindicações populares no campo das lutas anti-imperialistas, a posição de Panfleto será clara e objetiva: guerra sem quartel aos trustes internacionais que saqueiam a nossa Pátria; denúncia permanente do imperialismo, quer sobre as formas brutais do colonialismo, quer sobre as camufladas, como capitais estrangeiros de rapina e auxílio do tipo aliança para o progresso; apoio à luta de emancipação de todos os povos.

Entre as suas posições, o *Panfleto* defendia o seguinte: *Panfleto orgulha-se de ser um jornal definido, surge como um anseio generalizado da população brasileira e faz da fidelidade aos problemas do povo a razão da sua existência. Provavelmente, será no seio da família jornalística uma ovelha negra.*

Gosto desta ideia: é um jornal que já nasce para ser uma ovelha negra e vai na contramão, não está preocupado em agradar aos dominantes. E mais: não está preocupado com os anunciantes – o que acho uma maravilha –, porque não cortejará o anúncio, porque não se submeterá a injunções, porque não encarará como sérios e legítimos senão os problemas do povo e o debate que conduz à sua solução.

É claro que o *Panfleto* não teve anunciantes e só durou sete edições – claro, porque logo veio o golpe –, mas estas foram fantásticas, de enfrentamento, de crítica, de virulência, de um brizolismo explícito.

Exemplo do brizolismo explícito foi quando se referiu às encampações das empresas multinacionais: *A International Telephone and Telegraph Corporation é uma empresa única no gênero pela variedade e escopo de suas atividades nos campos afins das telecomunicações e da eletrônica. Sua produção abarca desde*

dinâmicos aparelhos para surdez até algumas das maiores centrais telefônicas e telegráficas do mundo e sempre com o propósito de usurpar o patrimônio alheio.

Esse Brizola do jornalismo, das rádios, das redes, dos discursos inflamados ainda está e vai permanecer no nosso imaginário como um homem capaz de enfrentar, de não fazer concessões, de ser sincero, de ser como nós gostamos: absolutamente franco nos seus acertos, nos seus erros – mas sempre franco e disposto aos confrontos necessários, sem medo de perder e, como se diz hoje: sem medo de ser feliz.

Quero deixar, mais do que tudo, a minha homenagem a esse homem que poderia ser o patrono da comunicação popular do Rio Grande do Sul.

Muito obrigado.

O SR. MEDIADOR (Carlos Bastos) – Agradeço ao Juremir pelo excelente trabalho e registro a presença do deputado Ciro Simoni.

A jornalista Dione Kuhn é formada pela PUC e atualmente editora de notícias do jornal *Zero Hora*. Dos seus 18 anos de carreira, 14 foram dedicados à editoria de política. Dione é apaixonada pelo jornalismo. Passou pelo *Jornal do Comércio*, no qual participou da produção de um caderno sobre turismo e pelos jornais *Repórter*, de Guaíba, e *Correio do Povo*. No jornal *Zero Hora*, publicou uma série de reportagens, intitulada *O Baú de Brizola*, que revelou o conteúdo dos arquivos que o ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro reuniu por mais de 60 anos da sua vida política.

As entrevistas com o político gaúcho deram à jornalista a oportunidade de escrever um livro: *Brizola – Da Legalidade ao Exílio*, lançado em 2004 pela RBS Publicações.

Com a palavra, Dione Kuhn.

A SRA. DIONE KUHN – Bom dia a todos, Fontourinha, Juremir, Bastos, governador Collares.

Sou jornalista de formação. Não sou historiadora, nem socióloga ou teórica. Então, farei um relato como jornalista, que é o que eu sei fazer.

O meu currículo está meio modesto. Na verdade, tenho quase 20 anos de *Zero Hora*, mais de 25 anos de jornalismo e sempre atuei na área de política.

Comecei cobrindo um setor na Câmara de Vereadores, onde havia um vereador recém começando, o Vieira da Cunha, e, desde então, temos mantido contato. Colocaram-me na fogueira no governo de transição de Alceu Collares, lá, no Laje de Pedra. E assim fui tendo contato com os pedetistas, depois, mais recentemente, um pouco antes da morte de Brizola, tive muito contato com a Juliana Brizola. Assim, conheço boa parte do pessoal presente. São pessoas que acompanham a minha carreira.

A primeira vez em que fiz uma entrevista coletiva com o Brizola foi na famosa Sala VIP do antigo Aeroporto Salgado Filho. A gente chegava com 20 perguntas e não conseguia fazer nenhuma, porque ele não deixava a gente falar.

Quando me disseram para entrevistar o Brizola, fui cheia de gás. Realmente, não consegui nenhuma pergunta. Ele falava e falava sobre o FMI e privatizações. Os jornalistas todos saíram de lá reclamando que era sempre a mesma coisa, que ele não falava o que se queria.

Depois, fui a uma segunda e terceira coletivas, quando comecei a ter uma outra visão de Brizola, no sentido de que ele era um personagem que, logo logo, entraria para as páginas de história. Então, comecei a gravar tudo que ele falava. Até me perguntaram por que guardava tudo aquilo.

Comecei a me apaixonar pelo discurso dele, porque senti que sempre havia coerência. Ele não mudava, sempre era a mesma coisa. Inicialmente, parecia que era uma novela, mas, conforme fui percebendo, amadurecendo na profissão e tendo mais conhecimento, passei a ver que as coisas faziam sentido.

E assim foi indo, até que, num dia, chegou o meu grande desafio, em 1999, quando estava em Brasília, na Marcha dos Prefeitos, e a minha chefe me ligou dizendo que fazia 20 anos da volta de Brizola do exílio. Ela me pediu que entrevistasse o Brizola e fizesse com que ele abrisse o coração e contasse como foram os 15 anos, longos e duros, de exílio.

Enlouqueci, fiquei nervosa e pensei a quem iria recorrer. Então, recorri ao então presidente do PDT, Sereno Chaise. Eu recém tinha sido feito um perfil dele, pois estava deixando a presidência do PDT. Assim, recorri ao Sereno, que me colocou em contato com o Brizola. Depois de uma longa negociação, fui ao Rio de Janeiro.

Passei um dia inteiro no apartamento de Brizola, em Copacabana. Nunca vou esquecer quando ele chegou, era setembro, abriu os janelões e disse que ali aconteceria o *Réveillon* da virada do século. Aquele era o ponto mais privilegiado,

pois tinha vista para todos os lados.

Brizola mostrou a casa e os vinhos, mas a entrevista não acontecia. Dali a pouco, ele abriu um armário e mostrou onde estava uma parte do seu arquivo. Então, fiquei interessada e perguntei quando poderia ter acesso, mas ele fechou o armário.

Depois, comecei a entrevistá-lo. Por sinal, foi maravilhosa. Brizola chorou e deu para ver que o exílio foi muito duro com ele, pois interrompeu uma carreira brilhante que nunca mais conseguiu mais resgatar. Logo em seguida, saiu a reportagem. Ele gostou muito dela.

A partir daí, comecei a ter um contato maior com Brizola. Quando chegou a comemoração dos 40 anos da Legalidade, propus-lhe que fizéssemos uma entrevista, para que falasse, numa série de reportagens, sobre a Legalidade, sendo ele o fio condutor. Não importava se havia versões contrárias, o meu objetivo era contar a Legalidade segundo Leonel Brizola.

Fizemos uma entrevista de dois dias em Montevideu, e aí fui conhecendo detalhes de Brizola. Quando cheguei lá, ele me levou para um shopping – acho que era o Punta Arenas, não lembro bem –, pois queria comprar um gravador.

Ele queria porque queria um gravador e me fez entrar em umas três lojas. Perguntava: *Este gravador é bom?* Eu dizia que sim, perguntando-me, no entanto, por que queria um gravador, se eu tinha o meu. O que ele estava querendo gravar? Brizola foi, pesquisou preço e pechinhou, reclamando quando considerava o aparelho muito caro. Enfim comprou um gravador. Depois ainda foi a um supermercado, comprou várias frutas e foi para casa.

Isso ocorreu em Pocitos, em seu apartamento na Rambla Armenia. Começamos a entrevista, gravando-a com o meu gravador e com o dele do lado. Foi maravilhoso o trabalho, a série de reportagens depois me rendeu um prêmio nacional. Mas quando a entrevista terminou, no dia seguinte, ao desligar o gravador ele disse: *Aqui está o meu relato mais completo.* Daí foi que entendi que Brizola já vinha também se preparando para falar. Até aquele momento eu tinha pensado: *Ah, vai ver que ele está desconfiando de mim! Pô, depois de tanto tempo!* Entretanto, o que ouvi foi o seguinte: *Aqui está o meu relato mais completo sobre a Legalidade.*

Até sair a reportagem, Brizola ligou várias vezes para mim: *Olha, me lembrando bem, aquele detalhe não era bem assim.* A gente sentia que ele tinha uma preocupação muito forte de não deixar nenhuma ponta aberta, sabe, pegar e deixar tudo nos eixos. Era como se já estivesse passando a sua vida a limpo.

Quando saiu a reportagem, que foi maravilhosa, comecei a insistir na questão dos acervos. Brizola, no entanto, nunca dava bola. *Mas governador, quando é que vou poder ter acesso?* – eu perguntava. *Não* – respondia ele –, *pois no momento em que abrir isso aí vou estar pendurando as chuteiras*. Ele não admitia, e eu também não desistia.

Quando veio a notícia trágica da sua morte, ela pegou a todos nós de surpresa. Passou um tempo e, quando estávamos chegando próximo de um ano da sua morte, liguei para a Juliana e disse: *Juliana, o teu avô tem um acervo. Tu achas que é possível agora, passado um ano, eu ter acesso a tal acervo, até para lhe fazermos uma homenagem?* E a Juliana disse: *Vamos ver*.

Juliana foi incansável em relação ao assunto. Ela me pôs em contato com o tio, o João Otávio, que, para minha surpresa, disse: *Não, o meu pai já falava de ti. Por onde queres começar, pelo Rio ou por Montevideú?* A imagem que eu tinha era daquele armariozinho em Copacabana, mas João Otávio me informou que havia um acervo no Rio e outro em Montevideú.

Decidi começar por Montevideú. Fomos para lá, e realmente havia muita coisa, mas de natureza mais sentimental, além de documentos mais burocráticos relativos à fazenda e aos negócios. Havia cartas sentimentais, muita coisa da Neusa também. Deu, no entanto, para pegar um bom material.

Marcamos depois uma data para eu ir ao Rio. Quando cheguei lá, fiquei apavorada, porque eram caixas e caixas de documentos. Em todas as peças da casa havia caixas, elas estavam lotadas de documentos. Havia armários cheios de pastas, o que me faz pensar: *Por onde vou começar?* Junto estava o assessor de Brizola, Eduardo Bastiani, que havia sido incumbido de ficar comigo. A ele eu disse que não sabia por onde começar. Era muita, muita coisa, o que me fez ver que Brizola era um político que ao longo da vida havia guardado tudo. Tinha até mesmo papel de bombom guardado. Ele guardava tudo.

Decidi começar pelo armário, pensando: *Vai por aqui*. E dei sorte, porque peguei coisas bem importantes da polícia, dos militares, de como eles monitoravam a vida do Brizola. Havia também as suas famosas cartas pessoais, que ele mandava para a mãe, quando veio de Carazinho para cá. Ele mandava para dona Nívea a correspondência, e ela respondia, mas a família não encontrava tais cartas. No segundo dia de pesquisa, acho, eu as encontrei. O Eduardo ligou para informar João Otávio de que elas haviam sido encontradas, e ele disse que queria vê-las primeiro.

Eu, no entanto, já havia aberto uma. Curiosa, já tinha lido uma delas, e era uma coisa fantástica. Peguei uma dele descrevendo como era o gosto da primeira pasta de dentes que havia experimentado. Era uma coisa fantástica, tu vêes um Brizola

que não imaginavas existir. Tu sempre imaginas um Brizola durão, calejado pela política, e ali era um estudante que estava começando a vida, que estava tentando dar certo e mandava cartas carinhosas, amorosas para a mãe.

Mas então saiu o Baú do Brizola, e me orgulho muito de ter sido, até hoje, a única jornalista que teve acesso a esse vasto acervo do governador. E todo esse contato e toda essa pesquisa que fiz em seu material deram para chegar a três conclusões.

Brizola era um visionário, falando com ele tu enxergavas onde queria chegar. Naquelas entrevistas coletivas que eu frequentava dava para ver que havia toda uma lógica no que falava. Era, também, um político ousado. Não conheço nenhum outro tão ousado quanto ele; não existe. Ele fez loucuras não só nas encampações. Ele pregava pré-golpe. Há um discurso dele muito famoso em que ele chamou de gorila acho que o general Muricy. Ele chamou o embaixador dos Estados Unidos de inspetor de colônia. Ele era ousado. Daí entendemos por que, quando veio o golpe, ele era o inimigo número um. Não havia condições de o Brizola continuar.

Ao mesmo tempo em que foi muito ousado, há uma outra característica sua que deu para ver: o inconformismo. Nas entrevistas em que fiz com ele, sempre notava que parecia que ele carregava um peso de não ter dado certo. O momento em que poderia ter dado certo e em que ele poderia ter chegado à presidência foi antes do golpe de 1964. E ali foi abortado. Empurraram-no para um exílio que, na minha avaliação, acabou com a carreira dele, embora depois ele tenha sido governador. Quando ele voltou, já estava tudo armado de uma forma que ele não tinha mais condições de chegar à presidência. Não deixaram o Brizola chegar à presidência. Ele era um político que tinha esse inconformismo e que viu o exílio como algo muito duro, que inclusive desagregou a família, que acabou com a carreira dele.

Era isso que eu queria lhes dizer. Realmente tenho uma admiração muito grande por ele. Não sou partidária, não tenho partido político, mas Brizola é uma figura histórica que acredito que não teremos outra igual.

O SR. MEDIADOR (Carlos Bastos) – Obrigado, Dione, foi um belíssimo depoimento.

Agora iremos ouvir o sempre governador Alceu Collares, que nasceu em Bagé. Elegeu-se vereador em Porto Alegre por vários mandatos. Foi deputado federal na Câmara dos Deputados em Brasília. Ganhou prêmios de parlamentar destacado por vários anos. Foi prefeito de Porto Alegre e governador do Rio Grande do Sul, numa bela gestão, da qual me orgulho de ter participado. Ele fará o seu depoimento sobre a figura do seu companheiro de partido, do seu correligionário, Leonel de

Moura Brizola.

O SR. ALCEU COLLARES – Quando me apresentava pelo mundo em que andei, eu sempre me apresentava assim: *Alceu Collares, de Bagé*. Num determinado momento nos Estados Unidos, a intérprete teve que traduzir o que era de Bagé. Depois um jornalista achou que eu era muito exibido, e o pior é que eu sou mesmo. Se eu não fosse, não teria saído de vendedor de laranja. Eu me apresentava assim: *Alceu de Deus Collares, de Bagé, um baita macho de Bagé*. Agora eu tirei o baita. Não é por isso que vocês estão rindo, não é por aí.

Sou alguém apaixonado por Brizola, não pelo Brizola ser humano, mas pelas suas ideias, pelas suas concepções, pelos seus fundamentos, pela sua paixão, pela sua dedicação, pelo seu amor à extraordinária e esplendorosa missão que ele trouxe para cumprir. Ele falava noite e dia de política. Qualquer outro assunto que porventura aparecesse, ele levava para a política. Onde nasceu isso? No Rio Grande. Se se formou uma competência, uma capacidade, uma liderança, um condutor como Brizola, é porque a história do Rio Grande vinha se realizando nesse campo.

Qual é o Estado que tem tantos e tantos conflitos, guerras, 23, 35? Foi forjando uma espécie de consciência coletiva no Estado que somos revolucionários, não nos conformamos com os equívocos, com os erros, com as fraudes, com a maledicência. Sempre temos um caminho reto a percorrer. Isso, Vieira da Cunha, começou onde estivemos outro dia, ali em São Borja. Começou com Getúlio, que, na crista de uma revolução conservadora – porque todo homem do campo é conservador, no bom sentido de conservar o patrimônio que tem, conservar a sua propriedade –, em sua cabeça, na sua passagem e no seu sofrimento, escreveu uma parte belíssima da história, que foi assimilada pelo Jango, pelo Pasqualini. Mas o processo de interpretação, de assimilação e de apropriação das ideias se centrou em Brizola.

Brizola era revolucionário. Ele não se conformava com a injustiça social. Todo movimento de Brizola se deu sempre nesta preocupação de uma nação melhor do ponto de vista social para as pessoas, como o próprio Collares e muitos negros que existem aqui.

Outro dia, contaram a mim e minha irmã Maria, que está com 91 anos, sobre o nosso pai. A mãe dele foi para uma fazenda, e o fazendeiro se encantou. Ela tinha 14 anos e engravidou. Na hora, as filhas do fazendeiro se deram conta disso e mandaram a negra para a toca onde havia a morada dos negros. Logo após o nascimento, ela botou o filho numa barrica e jogou palha em cima, porque apanhava muito da mãe e não suportava aquilo. Ela fez isso para salvar a vida dela.

Pensamento, legado político e social do líder trabalhista gaúcho-Leonel Brizola
Porto Alegre – 24-06-2014

Chegou uma vizinha, que ouviu um choro, pegou o meu velho e o criou. Na hora de registrar um nome no cartório, sem saber quem era o pai, então o escrivão, como tinha o nome Collares, chamou-o também de Collares. Este sobrenome que tenho não é meu, mas eu sou Collares.

O Brizola tinha uma infância próxima muito mais dolorosa, porque mataram-lhe o pai. Ele foi acumulando na alma sensível as injustiças que conhecia.

Então, com esses meses de comemoração de 10 anos, de 90 anos, de 60 anos da morte do Getúlio, a gente pode historicamente dizer: Olha, tudo começou em 30. Depois, vieram os anos de 45 e 50, e ele retorna nos braços do povo. Após, aquela tragédia. Foi ele que interrompeu o caminho da direita na América Latina com a morte.

A Carta-Testamento é o documento mais forte que pode alguém ter feito com o sangue da própria existência. E essa carta um que outro leu. Se hoje se fizer uma leitura adequada, ela é a mais moderna manifestação contra o imperialismo financeiro que domina o mundo. Aquela carta hoje tem um vigor, uma mensagem, uma força, tem, sem dúvida alguma, endereço: o imperialismo financeiro nacional, internacional, especulativo e volátil, que amassou o mundo.

Às vezes, converso com a companheira Neuza – que é muito exigente –, que, vez em quando, diz assim: *Mas estamos meio enfraquecidos*. Digo: Olha, para consolo nosso, os outros partidos estão mais ou menos iguais a nós. Não há nenhum muito melhor do que nós. Estamos tudo meio de perna frouxa, né?

É um ciclo econômico. Quando o ciclo começa, há a ascensão econômica, política e social. Quando ele começa a cair, vai atingindo todos esses segmentos. Esse ciclo que estamos vivendo é o mais violento de todos dos ciclos que a humanidade conheceu, muito mais violento do que 29, 30, 31, 32, 33.

Esse é um ciclo econômico. Quando ouço um Fontourinha, um Juremir ou uma Dione, trazem-me lembranças, o que me leva a perguntar: Quem é que tem esse patrimônio? De quem é esse patrimônio? Quem nos legou esse patrimônio? Qual a dimensão desse legado? Qual a responsabilidade que cada um de nós tem com esse legado?

Vir aqui fazer essa conferência é muito bom. Vai criando consciência, mas parece que não dá para parar aí. Eles, lá, do outro lado do túmulo, devem estar dizendo: *Mas semeamos tantas ideias, e todos têm por elas enorme admiração, e não está havendo uma doutrinação, uma pregação, principalmente aos jovens para que o dia de amanhã se possa efetivamente implantar o trabalhismo brasileiro*.

Vale a pena olhar para trás e ver a história? Vale. Por quê? Porque temos uma história. O primeiro livro que li foi dela. Uma beleza. O Juremir Machado está cansado de escrever.

Mas a Neuza, por vezes, diz: *Collares, não fica com esse negócio de idealismo meio tosco, porque as pessoas não estão ouvindo o que estás dizendo.* Tenho convidado gente para formar grupos para começar a debater essas ideias.

Outro dia, numa reunião, tive o dissabor de ouvir um morador dizendo: *Não adianta estar falando nesse negócio de Getúlio, de Jango e de Brizola. Isso é o passado, não vem mais.* Mas como nós, que temos esse patrimônio vamos dizer uma barbaridade dessas? Então, os comunistas estariam, sem dúvida alguma, condenando o Marx, o Lenin, a Rosa Luxemburgo, o Trotsky?

Todos os comunistas, em 1848, lançaram o *Manifesto Comunista*. E eles, ainda hoje, estão aí com as suas esperanças, com os seus sonhos, com o seu pensamento.

Tenho me confessado um orador de pouca capacidade de convencimento, o que era diferente. Deixem-me dar um dado logo. Aqui estiveram, nos últimos anos, três grandes comunicadores, oradores. Como o Juremir disse, Brizola era um comunicador, porque ele crescia a capacidade de orador político. Uma coisa é um homem que trabalha na rádio ou na televisão há uns 30 anos. Todos os dias, vai lá e dá o recado. Mas ele não pode sentir, porque está ali, dando um recado, que é uma missão que tem de cumprir. Agora, na política, é preciso colocar a alma, o coração, a vida até se transformar em paixão. Sim, porque grupo que defende ideias e não se apaixona, ele está mentindo para os seus autores, está fazendo de conta que é trabalhista.

Tem lá Rosa Luxemburgo. Antes, bem antes do Marx, Platão já tinha uma obra falando em socialismo, *A República*. Então, essas pessoas vêm de longe cultivando, semeando, colocando no terreno da consciência da humanidade ideias sempre em busca de um mundo bom, de um mundo melhor, de um mundo onde não tenha gente passando fome, onde não tenha gente que, como eu, nasceu daquele jeito. Outro dia, alguém me perguntou a minha origem. Eu não tenho origem nenhuma. Não tenho origem. Não sei qual é o meu sangue. Agora vivo bem, porque sou um homem cheio de idealismo. E quantos irmãos nossos têm assim! Quantos e quantos.

Outro dia, na televisão, ouvi que botaram o nome do Abdias do Nascimento no viaduto. Quem é esse? É o grande negro, o grande herói do teatro brasileiro. Esse

Abdias tem no mínimo 30 livros. Foi um dos grandes professores. E foi um dos grandes amigos do Brizola. Suplente de Darcy Ribeiro, substituiu-o no Senado por ocasião da sua morte. Lá deixou discursos monumentais.

Preciso sair daqui absolutamente convencido, ainda que seja por um dia, de que formaremos grupos e passaremos a estudar em profundidade o pensamento trabalhista, que é o mais revolucionário de todos os tempos. Começa ele com a escola de tempo integral, que é uma revolução.

Brizola tinha paixão pela educação. Ele criou 6.302 escolas. Havia um Município em que todos eram analfabetos. Acho que era Bagé. Não, não era. Lá estava o meu pai, que também era analfabeto.

Como é que vamos deixar escorrer como água fria pelos nossos rios esse legado?

Teríamos de formar grupos de 12 para realizarmos encontros mensais, diários, semanais, anuais, cada um estudando a sua parte para, depois, discutirmos em conjunto. Sabem por quê? Porque é o que vai prevalecer agora na humanidade, que está, sem dúvida alguma, de joelhos diante do neoliberalismo. O neoliberalismo está sendo enterrado em Wall Street, com a juventude americana – dizendo: *Vocês são 1%, nós somos 99%. Vocês têm tudo, nós não temos nada.* –, com o pensamento único e com o fim da história do quando e por quê.

Caiu o Muro de Berlim, o japonês, o chinês aquele disse que agora é o fim da história, não tem mais nada. Não é assim! Tomara que eu possa transmitir-lhes o sentimento de que tudo o que fazemos com relação a elogiar, a destacar, a colocar num nível adequado o que foi feito por eles, o que eles pensavam é essencial, porque são os tijolos para que façamos o alicerce de um novo mundo.

Aí um outro disse assim: *Olha, Simões, eu acho que esse negrão está meio louco. Ele está falando até em alicerce de um novo mundo.* Mas eu queria só que vocês refletissem comigo: qual é a proposta dessa crise de hoje? O que o golpe está fazendo? O que os Estados Unidos estão fazendo? O que a China está fazendo? O Japão está saindo de um buraco enorme. Porque essa crise é a mais violenta de todas.

Então, tenha na sua mente: o Estado e o neoliberalismo queriam um Estado mínimo, o braço invisível da economia de mercado. Mentira! Não é assim. O sistema financeiro nacional e internacional especulativo e volátil é o império que manda no mundo todo. Hoje há algumas lojas em que, se quisermos comprar à vista, elas não querem vender, porque elas participam do sistema.

Sessenta por cento de toda a economia, incluindo a pecuária, a agricultura, a

indústria, o comércio e o serviço, está na dependência dos grandes bancos internacionais, do Citibank, do JP Morgan, do Deutsche Bank, do Solidarité Societé, da França, enfim, que foram punidos com 1 bilhão e 700 milhões de dólares porque determinam a taxa bancária para o mundo todo trabalhar em cima daquilo. Eles são os maiores responsáveis por aquela crise de 2008, em que um banco de 158 anos faliu.

Depois daquilo, eles dizem: *Mas uma entidade tão grande não pode falir mais.* E sabe o que eles fazem? Eles emitem, como o Banco Central americano emite anualmente, 85 bilhões de dólares para comprar títulos do Tesouro americano e tentar recuperar a capacidade de geração de emprego. Só que isso chegou ao fim, porque a dívida está em 22 trilhões de dólares, está no fundo do poço.

Onde estará a solução? No Estado mínimo do neoliberalismo, que está sendo enterrado em Wall Street, com o fim do pensamento único? Com a juventude dizendo: *Vocês são 1%; nós somos 99%?* Não.

Agora, vamos para outro lado. Temos que ter compreensão, já que na Revolução de 29, o comunismo e o socialismo encantaram a juventude do mundo. Todos os meus poemas são comunistas e socialistas, porque comunismo e socialismo são uma bela e generosa utopia. Esses homens que perderam a vida em defesa do comunismo o fizeram com profunda sinceridade, mas foram alvo de um grande equívoco, porque nem na União Soviética nem na China ele foi implantado.

Aliás, a União Soviética tem uma capacidade de reparação para aquele que comete um crime comum. Ele vai lá e se submete a um exame pré-profissional e, de analfabeto, pode chegar a médico, a doutor ou a arquiteto. Mas, se o crime for político, mandam ele para a Sibéria, onde é muito frio.

Na China, ocorre o mesmo. O que foi que aconteceu na Praça da Paz? Quantos milhares de jovens eles mataram? Estão querendo ser a hegemonia do mundo. Então, não pode ser o Estado mínimo do neoliberalismo que está sendo enterrado com este grito da juventude: *Vocês são 1%; nós somos 99%.* Bem como o socialismo real. Temos que ter coragem de dizer para os nossos companheiros que continuam no Partido Comunista do Brasil. Está bem que tenha esse nome, mas é bom que se diga que nenhum país do mundo conseguiu implantar o comunismo e nem o socialismo, porque eles são muito avançados nas suas ideias.

A sociedade que eles imaginam é tão extraordinariamente grande que ninguém ainda conseguiu implantá-la. O que existe na União Soviética e na China é capitalismo de Estado.

Portanto, temos que ter, sem dúvida alguma, coragem de dizer que nem o

Estado mínimo do neoliberalismo, que está sendo enterrado lá com aqueles tripartites, uns velhos que querem comandar tudo nos Estados Unidos e são direita enterrados, reacionários, nem o socialismo real, porque houve a queda do Muro de Berlim, houve a dissolução da União Soviética. Vocês estão vendo o que o Putin está fazendo lá. Há uma crise econômica que está avançando para os Estados da periferia. Há uma produção muito grande de petróleo e de gás, mas ele está na mais violenta de todas as crises. O americano não tem como sair da crise, não tem como sair. A dívida não tem como ser paga.

Então, nem o Estado mínimo nem o Estado máximo do socialismo real, porque houve a queda do Muro de Berlim e a dissolução da União Soviética, mas o Estado trabalhista social e democrático para eliminar os fatores desse imperialismo que se chama monopólio, oligopólio, cartel e *dumping*. Aí estão os instrumentos, as ferramentas e as armas da destruição da esperança de um mundo melhor. Sessenta e cinco por cento de toda a economia funciona na dependência do imperialismo financeiro. Só o trabalhismo tem capacidade de enfrentar isso, porque nós fazemos o seguinte: *Vai ganhar o pão com o suor do teu rosto, e não com a especulação.*

Outro dia falei com o companheiro Vieira e disse: *Vieira, cartão de crédito é uma vergonha. Se pegam o pobrezinho que roubou uma galinha ou um porco, ele vai preso. Do cartão de crédito era para estarem todos no sistema penitenciário moderno, onde pelo menos não passassem fome, tivessem comida.*

Eles dão cartão de crédito para a gente. Eu olhei no meu, 15% ao mês, 650% ao ano. Eu disse: *Companheira Neuza, tu tens isso aí?* Ela olhou e disse: *O meu é 18% e 600%.* A outra menina tinha. Aí imaginei: *Bom, mas, quem sabe, só se a família é meio abastada, porque entrou nesse negócio de cartão de crédito, porque isso é roubo. Isso é roubo, é roubo!*

Aí fui ver no Google, que é companheiro nosso – né? *Não, pára aí, 70% dos brasileiros têm cartão de crédito. Setenta por cento dos brasileiros têm cartão de crédito.* Aí, na minha ingenuidade pensei: *Mas, então, deve ser só eu e a Neuza que temos isso, porque os outros não podem ser bobos de ter esse negócio aí.* Setenta por cento! Então, tem gente que é igual a Neuza. Agora, a Neuza não deixa atrasar a conta, ela me enche o saco: *Tem que pagar na data, tem que pagar na data.*

O pessoal não deixa de pagar, não há inadimplentes. Vinte e nove e meio por cento de 70% são inadimplentes. Aí imaginei, na minha curiosidade infantil, no pensamento: *Mas será que isso é só no Brasil?* Fui ver, a América toda tem. Mas a maior taxa que cobram na América é na Venezuela: 52%. Eu tirei a média, dá 38%. No meu dá 480%.

Então, eu disse que ia dar para ele e, se ele apresentasse um projeto desses,

fosse para a televisão e dissesse assim: *Vizinha, dona Manoela, a senhora tem cartão de crédito? Dá uma olhadinha aí com a sua filha para ver quanto é que vocês estão pagando.* Ele ganhava a eleição, porque isso não pode continuar. A Nação Brasileira está sendo submetida ao maior roubo oficializado.

A pobre da Dilma tentou, nos dois primeiros anos, reduzir a taxa Selic do Banco Central. E o que fizeram com ela? Movimentaram-se, no mundo todo, os grandes investidores. Sabem quantos são os grandes investidores? Não passam de 50 no mundo. Mas são eles que dominam o sistema financeiro de toda a parte.

Agora, nós tínhamos que levantar essas teses. Isso faz parte das nossas ideias. Ou não faz? Nós não somos contra a espoliação do povo? Pois o cara do salário mínimo também paga uma taxa que chega a 8% para o tipo do cartão de crédito.

Será que eu posso terminar agora, chegar em casa e dizer: *Oh! Me empolguei. Parecia o Brizola, com aquele papo dele.* O Brizola quando falava botava a aura, ele nunca mentiu. A gente sentia, e eu sou espírita. Cada um de nós tem uma aura, e o Brizola trazia a aura leve, do homem que quer efetivamente ser sincero com o povo pobre. Nunca mentiu.

Então, companheiros, vou chegar lá para a Neusa e dizer: *Neusa, tu me dizias que eu estava meio louco, porque andava fazendo esses cursos para os quais ninguém dá bola, pois havia lá uns 200, e tenho a impressão de que no máximo 1% não se empolgou.* Depois que entrei no treino do negócio de percentagem, estou um colosso, um baita de um sabido.

Se não pode ser o neoliberalismo, se não vai ser o comunismo nem o socialismo, o que vai empolgar a humanidade vai ser o trabalhismo, e o nosso trabalhismo, não vai ser o trabalhismo inglês, porque ele está também tomado pelos vícios do conservadorismo, do reacionarismo; não vai ser o trabalhismo lá de Israel, porque ali também estão os riscos de avançar na propriedade dos outros, mas o nosso trabalhismo, o trabalhismo que foi criado da cabeça do Getúlio.

Quando alguém disser que o Getúlio teve o seu pensamento político forjado no pensamento do positivismo, digam que a cabeça do Getúlio foi formada pelo pensamento do que antecedeu a Marx, que se chamava Saint-Simon. Ele tentou fazer cooperativas na Europa; seu secretário que era do positivismo, Augusto Comte.

Tenho certeza de que se aqui há uma pessoa que pode nos ajudar no aprofundamento disso é o Juremir, que aborda todos os dias no seu trabalho alguma coisa que nos leva a buscar no fundo da história onde surgiu esse pensamento.

Pensamento, legado político e social do líder trabalhista gaúcho-Leonel Brizola
Porto Alegre – 24-06-2014

Essa juventude que está aí, que em junho foi aplaudida pelas mães com os filhos nas janelas, com o aceno de guardanapo ou de lençol, que empolgou a Nação brasileira, não se trata de vândalos, pois esses nunca fizeram história. Esses são descendentes de Pridon, que combateu na primeira Internacional Socialista. O Marx dizia de cima da montanha: *Proletários do mundo, a revolução é feita para eliminar o capitalismo*. Não vamos eliminar o capitalismo. Vamos ter de viver no capitalismo, mas o capitalismo submetido às concepções ideológicas, filosóficas, sociológicas do trabalhismo. Vá ganhar o pão com o suor do teu rosto e não mexer no bolso das pessoas que confiam em ti. Aqui nesta Assembleia estamos falando nisso.

Tenho impressão de que a mesa deve estar com um pouco de razão, porque não cabe esse entusiasmo. Não cabe. Eu não sou mais criança. Tenho certeza de que pouco efeito terá o meu discurso. Mas poderíamos fazer isso, Vieira, depois da eleição. Poderíamos nos reunir no partido para abrir uma relação e irmos discutindo, porque nacionalmente não temos mais partido. No nosso pessoal aqui tem o que resta de trabalhismo. O que resta do trabalhismo está aqui. Foi aqui que ele nasceu e é daqui que ele teve de se levantar de cabeça erguida para dizer: *Nós vamos comandar o País*. Para isso é preciso preparar os seus filhos e os seus netos. Como em casa não mando nada, estou dando uma orientação para outro que talvez possa fazer alguma coisa.

Tenham paciência comigo, porque aos 86 só tenho mais 30 anos de vida. E ainda há pouco quase fiquei viúvo. A Neusa sofreu tanto, pobrezinha, e eu atrás de uma porta rezando. Não como a malícia de vocês, rezando para ela morrer, mas rezando para ela se recuperar.

Recebi uma homenagem por um dos meus poemas – todos são sociais – no dia 7 de não sei qual mês de 1977, no teatro da Casa Branca, com Lula, Tancredo, com Maria Conceição Tavares, declamei com três ou quatro companheiros fazendo o estribilho. Já declamei esse poema para alguns. Tenho certeza de que vão dizer: *Mas que negão chato. Puta que pariu, é só o que ele sabe e declama*. Eu me prevaleço do coletivo, porque os coletivos são sempre muito bons, muito generosos. Esse é um coletivo que deve estar dizendo: *Olha nego, tu deves estar meio boleado dos cascos, está meio trambelheca*. Mas é a hora nossa. Só nós é que temos esse patrimônio, ninguém tem.

Então, veja bem, o título é: *O voto e o pão*, e o estribilho é assim:

O voto é tua única arma;

Põe o teu voto na mão.

O voto é tua única arma;

Põe o tu voto na mão.

O voto é a tua única arma;

Põe o teu voto na mão.

Se pedisse a vocês que, se possível, nesse estribilho, vocês nos acompanhassem, ficaria faceiro da vida.

O poema começa assim:

*Mandam no teu destino.
Mas ele é teu, meu irmão.
Ergue teus braços finos.
E acaba com a exploração.
Faz tua revolução!*

*O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma.
Põe teu voto na mão;
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.*

*Pouca comida tem no fogão.
Tua mulher está mal vestida.
Teu filho de pé no chão.
Faz tua revolução!*

*O voto e tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto e tua única arma;
Põe teu voto na mão.*

*Escravidão, feudalismo, capitalismo,
Socialismo, tudo em vão.
Vai milênio, vem milênio.
E continuas na escravidão
Faz tua revolução!*

*O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.*

*O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.*

*Cristianismo, judaísmo, hinduísmo;
Todos querem a tua salvação.
Tu rezas noite e dia,
Ninguém ouve a tua oração.
Faz tua revolução!*

*O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.*

*Construíste, com teu trabalho.
Toda riqueza desta nação;
Por justiça, tens o direito;
Vai pegar o teu quinhão.
Faz tua revolução!*

*O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.*

*A liberdade é o pão do espírito;
Do corpo, a liberdade é o pão.
Desperta pra luta amigo;
Faz tua revolução!*

*O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma.
Põe o teu voto na mão.
O voto é tua única arma.
Põe teu voto na mão.*

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA
Pensamento, legado político e social do líder trabalhista gaúcho-Leonel Brizola
Porto Alegre – 24-06-2014

Essa é uma revolução democrática que estamos pregando, que depende da conscientização individual para formar a consciência coletiva e marchar, sabendo que o voto destrói, pois pode representar a consciência coletiva.

Mais do que isso, vou dizer a todos: vocês me suportaram.

Muito obrigado.

O SR. MEDIADOR (Carlos Bastos) – Depois dessa brilhante participação do governador Collares, encerro esta parte de seminário dando um recado. Neste final de semana alusivo aos 10 anos da morte de Brizola, li num decalco de um carro: *Brizola Vive*. E li também, em muros da cidade, *Brizola Vive*.

Asseguro para vocês que Brizola vive pelo que fez na Legalidade e pela escola de tempo integral.

Muito obrigado.

A SRA. MESTRA DE CERIMÔNIAS – Convidamos as autoridades que se coloquem na plateia. Dentro de poucos instantes, passaremos ao segundo painel.

Gostaríamos de registrar a presença do ex-secretário do Gabinete dos Prefeitos e Relações Federativas, Sr. Afonso Motta, que, no dia 26 de junho, fará o lançamento do seu livro *Advogado da Política*, na Livraria Cultura, na Avenida Túlio de Rose, número 80, na Zona Norte, perto da Avenida Dr. Nilo Peçanha, no Shopping Bourbon Country.

Por gentileza, pedimos que se coloquem em seus lugares na plateia. Os painelistas já estão presentes. Nós já estamos com tempo resumido e precisamos tocar adiante o segundo painel.

Senhoras e senhores, damos prosseguimento ao segundo painel deste seminário.

Convidamos, como mediador, o sociólogo José Vicente Tavares, diretor do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Como painelistas, convidamos a deputada Juliana Brizola, neta do governador Leonel Brizola, e a professora doutora Lia Ciomar Macedo de Faria, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mais uma vez, pedimos o máximo de silêncio para começarmos o segundo painel desta manhã. Os painelistas já estão a postos.

Convidamos as pessoas que estão ao fundo para que, se quiserem se acomodar na plateia, por gentileza, fiquem à vontade.

Neste momento, passamos a coordenação dos trabalhos ao professor José Vicente Tavares.

O SR. COORDENADOR (José Vicente Tavares) – Bom dia a todos.

Inicialmente, gostaria de agradecer o convite do Memorial do Legislativo para este seminário.

Todos nós, universitários, temos uma grande dívida com o projeto educacional de Leonel Brizola. Infelizmente, a minha geração não pode vivê-lo, mas é fundamental essa evocação e essa análise.

A SRA. MESTRA DE CERIMÔNIAS – Com licença, professor. Mais uma vez, pedimos a gentileza de fazerem o máximo de silêncio. A TV Assembleia está transmitido ao vivo este painel.

O mediador, professor José Vicente Tavares, sociólogo, diretor do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, está começando a condução deste segundo painel. Pedimos que as pessoas que não quiserem ficar neste segundo painel sintam-se à vontade para se retirar e que as demais, por gentileza, façam o máximo de silêncio.

Com a palavra o professor José Vicente Tavares.

O SR. COORDENADOR (José Vicente Tavares) – Novamente, quero agradecer esta oportunidade.

Para nós, universitários, a obra educacional de Leonel Brizola sempre foi marcante, até mesmo pela grande inovação que Darcy Ribeiro fez na Universidade de Brasília, da qual todos somos tributários.

Primeiro, gostaria de dar uma informação. Infelizmente, o professor Marcelo Aguiar, secretário de Educação do Distrito Federal, não pôde vir devido a

compromissos de última hora.

Passo a palavra à professora doutora Lia Ciomar Macedo de Faria, que possui pós-doutoramento na Universidade de Lisboa e pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ. É doutora em Educação, mestre em Filosofia da Educação, bacharel em História e Jornalismo. Professora da UERJ, coordena a linha de pesquisas Instituições, Práticas Educativas e História e é bolsista do CNPq. Tem vários livros publicados, dentre os quais destacamos: *Chaguismo e Brizolismo: Territorialidades Políticas da Escola Fluminense*; *Ideologia e Utopia nos Anos 60: Um Olhar Feminino*; e *CIEP: a Utopia Possível*.

Professora Lia, é uma grande honra tê-la aqui.

A SRA. LIA CIOMAR MACEDO DE FARIA – Bom dia a todos. É um prazer muito grande estar aqui.

Fica até difícil de emendar falando depois de tudo que ouvimos. Sou de uma geração que ouve o que as pessoas dizem, e ouvir o que as pessoas dizem significa ter um espaço, um tempo de mediação para digerir aquilo que se escutou. Sou de uma geração que fala, que não precisa de *datashow*, de tecnologia, pois tem um discurso articulado e é capaz de falar.

E, claro, sou branca, classe média, privilegiada, da zona sul do Rio de Janeiro, tive mãe e pai. Então, tudo que fiz não foi nenhum mérito. Estava previsto nessa sociedade classista, desigual, que pessoas como nós fossem essa minoria privilegiada que pode ter um currículo e dizer aqui que tem mestrado e doutorado, enquanto, infelizmente, lamentavelmente, milhões de brasileiros em pleno século XXI ainda são analfabetos.

É por aí que quero começar. Não gosto de chamar Brizola de político, até porque essa palavra atualmente é como juiz de futebol. Gosto de me referir ao estadista Leonel de Moura Brizola. O que difere um estadista de qualquer outro político? Estadista é aquele que tem compromisso com as próximas gerações e político é aquele que tem compromisso com as próximas eleições.

Então, Brizola é alguém que se propôs a ser candidato a vereador no final da carreira, que se propôs a passar todos os votos do PDT para Lula – e conseguiu isso porque tinha autoridade, liderança dentro do partido – e jamais se colocou individualmente com projeto de poder. Nunca ouvi o Brizola dizer que o PDT tinha um projeto de poder para os próximos 20 anos. Ou seja, Brizola também não tinha propriamente um projeto de poder para o PDT.

O Dr. Alceu disse que nós o aturamos, mas não entendo assim. Acredito que o Dr. Alceu nos deu uma aula, fez uma fala muito séria e uma análise bastante lúcida sobre o que está acontecendo no mundo em que vivemos.

Mas preferimos ir ao *shopping* usar o cartão de crédito, nos preocuparmos com a nossa próxima viagem para o exterior – agora nós todos temos de fazer uma ou duas viagens por ano ao exterior. Temos sempre uma agenda que não nos permite pensar, o que é muito cômodo.

Este momento aqui está sendo de pensamento, de ideias. Durante todo o tempo da manhã falou-se sobre os pensamentos e as ideias de Leonel Brizola.

Um estadista tem ideias, um estadista pensa. Muitos políticos não pensam nada, não têm ideia nenhuma. São os marquetólogos que dizem o que ele deve falar, como deve se vestir e se deve ou não fazer plástica. Esse mito hoje da eterna juventude, de uma sociedade que quer ter prazer a qualquer custo, nada tem a ver certamente com tudo aquilo que foi falado pelos que me antecederam, inclusive no que diz respeito à cultura e à história do Rio Grande do Sul, com o que concordo plenamente.

Sou carioca e confesso que sempre que vinha ao sul, em particular ao Rio Grande do Sul, sentia uma certa inveja de vocês, porque o Rio de Janeiro é essa coisa cosmopolita e hoje globalizada – neste momento totalmente cosmopolita e globalizada. Aqui no próprio hotel o pessoal só falava comigo em espanhol. Eu disse: *Meu senhor, eu não sou argentina. Olhe bem para a minha cara, eu sou brasileira. Tudo bem, tenho origem alemã, não pareço muito brasileira, então fale em inglês ou alemão, mas não em espanhol.*

Realmente eu venho de uma sociedade, de um bairro – fui criada em Copacabana – que era o mundo o tempo todo. Então, era muito mais difícil ter essas marcas, essa origem histórica fortíssima que o Rio Grande do Sul tem e que me parece totalmente associada à questão do trabalhismo.

O Rio Grande do Sul é o trabalhismo. O Rio Grande do Sul, por meio de Brizola, de João Goulart e de Getúlio, construiu a história do Brasil, gostem ou não os opositores do Brizola ou do PDT.

Sou professora de História e também fui jornalista, por muito pouco tempo. Durante a ditadura militar era impossível permanecer no jornalismo. Toda a minha turma que se formou em jornalismo enfrentou essa dificuldade. Fui, então, cursar história.

Na verdade, a história do Brasil vem misturada com tudo o que foi falado

aqui pela manhã, mas as pessoas também não querem recuperar o passado, não querem revisitar essa memória. Acho que a figura do Brizola é uma referência, muito mais do que um mito. Comentava com a Juliana que tenho um pouco de medo de análises que vão muito para o terreno pessoal. O Brizola era uma figura incrível, era um mito, que fica assim uma figura excêntrica. Acho que isso é perigoso, porque, com isso, pode ser diminuída a contribuição, o legado político do Brizola não apenas ao Brasil, mas de certa maneira a toda a América Latina.

Aqui quero destacar alguns aspectos: o fato dessa estrutura, dessa genealogia do Brizola de ser um estadista; em seguida a visão que o Brizola tinha não apenas nacional, mas de sempre ter uma visão internacional. Ele não foi apenas um político de espectro nacional, mas um político de espectro internacional. De qual político no Brasil se pode dizer isso? O Fernando Henrique tinha alguns contatos no exterior, veio do exterior, era um sociólogo. A mulher dele também era. Eram da Academia, mas não no sentido do que estou querendo dar aqui do Brizola.

O Brizola, por exemplo, tinha a importância de fazer parte, de participar da Internacional Socialista. O Brizola foi vice-presidente da Internacional Socialista durante muito tempo com Mário Soares, com Willy Brandt. Tenho uma foto histórica da posse do Brizola no Rio de Janeiro, no jardim do Palácio Guanabara, com toda a Internacional Socialista presente.

O Brizola tinha essa visão da boa Política com *P* maiúsculo de transformação do mundo, essa visão de que o Brasil não era uma ilha da fantasia, de que o Brasil estava no concerto das nações. Quem fez política com *P* maiúsculo não pode entender o Brasil fora de uma conjunção internacional. Brizola tinha essa visão como estadista e com a perspectiva internacional.

A terceira é a questão da educação. Ele tinha a clareza de que havia só este caminho que poderia realmente levar o Brasil a superar essas suas mazelas históricas de uma ex-colônia, de um País escravocrata: a educação. É claro que a educação sozinha não salva ninguém. Já houve uma época – trabalho na Faculdade de Educação – em que achávamos que a educação salvava, que a educação sozinha faria uma revolução. Não, isso não é verdade. O próprio Paulo Freire diz: *Não se faz revolução com educação, mas não há revolução sem educação.*

Se pegarmos vários países do mundo capitalistas, socialistas, iremos ver que a grande mudança desses países que foram para o Primeiro Mundo ou que superaram a questão do analfabetismo aconteceu por meio da educação. Quando falo analfabetismo aqui também é do analfabetismo político, da incapacidade de ler e de interpretar a própria sociedade em que vivemos.

Brizola teve essa visão que veio desde o século XVIII, das revoluções

burguesas, da revolução francesa, da revolução inglesa, da revolução norte-americana. O que essas três revoluções burguesas do século XVIII tinham como bandeira? A educação pública, da res pública, da coisa pública, da educação para todos, como uma base que garantisse as mesmas condições para aqueles trabalhadores, para aqueles cidadãos começarem a sua vida. É só a escola pública que dá essa base. Estou falando de escola pública de qualidade, não de uma escola pública caindo, não de uma escola pública que tenha professores com salários irrisórios. Falo de uma escola pública de qualidade social.

De que estamos falando? Do mundo capitalista. Principalmente as revoluções inglesa, francesa e norte-americana são revoluções burguesas, de uma classe social, que é a burguesia, primeiro comercial, depois industrial. Foi essa classe social que derrubou a nobreza, a monarquia, embora a Inglaterra tenha optado por manter a realeza, mas com parlamentarismo. Na verdade as opções na maioria foram republicanas, da lógica da escola republicana, que a própria Inglaterra também tem, embora tenha o sistema político com a realeza.

Esses países todos são capitalistas: os Estados Unidos, a Europa, depois os Tigres Asiáticos. Cuba, quando fez a revolução, fechou todas as universidades, porque o país era analfabeto, atrasadíssimo. Enquanto todo o povo não tivesse atingido até o 3º *grado*, resolveram que não abririam as universidades. Resolveram que iriam pegar a turma que estava nas universidades e colocá-la para alfabetizar. Em três anos, toda a população tinha até o 3º *grado*. Quando estive lá em 1986, toda a população tinha até o 9º *grado*.

O que estou mostrando são projetos de nação, e só um estadista tem um projeto de nação. Brizola foi esse estadista. Nos últimos anos, acredito que foi o único e maior estadista que tivemos, e talvez por isso tenha priorizado e jogado tudo na educação.

Quando o Darcy Ribeiro se candidatou, logo após o término do governo Brizola, em 1986, ouvi várias pessoas dizerem: *Ah, mas o Brizola, o Darcy e o PDT só pensam em educação, só falam em educação*. Aqui, um dos que me antecederam falou que ele aplicou 25%. O Brizola chegou a aplicar, no Rio de Janeiro – isso está comprovado, há documentos históricos, fontes – 37,5% em educação. E hoje, digo a vocês, imaginem se ele não tivesse vendo aqueles quinhentos e poucos CIEPs!

Há bairros no Rio, como a Ilha do Governador, em que não se construía uma escola de ensino médio há quase 40 anos; o Rio de Janeiro, então, foi sendo tomado por favelas. Aqueles que não quiseram votar no Brizola porque ele gastava muito em educação, agora votam no Sérgio Cabral porque votam nas UPPs para se comprarem armas pesadíssimas, para se colocarem tanques de guerra na cidade. A PM e a Polícia Civil não dão mais conta, e o que há de diferente no Rio, agora, é você chamar o

Exército, chamar as Forças Armadas.

Ah, a Copa está maravilhosa no Rio! Tudo bem, a cada passo que a pessoa dá é PM, é Guarda Municipal e é o Exército nas zonas mais conflagradas. O que vivemos no Rio de Janeiro, na verdade, é uma guerra civil, e não vou sequer dizer que ela é não declarada; ela é declarada, é totalmente declarada! E nisso, engraçado, as pessoas não estão preocupadas com o fato de se estarem gastando milhões na política de segurança. O próprio secretário, que é uma pessoa que respeito, que admiro – considero o Beltrame uma pessoa muito bem intencionada –, fica repetindo – Gramsci é que diz que temos que repetir incansavelmente os nossos próprios argumentos –, como se fosse uma ladainha, que tem que vir, em segundo plano, uma onda social. Estou muito a fim de lhe escrever uma carta, para dizer: *Olha, Beltrame, gosto muito do seu trabalho, acho você uma pessoa sincera, mas você está enganado. A segunda onda não é a social. A primeira onda, a que precede, é a onda social.*

Esse era o discurso do Brizola. Ele entrou naquelas comunidades colocando teleférico, recolhimento de lixo, dando-lhes uma certa dignidade e títulos de propriedade aos residentes. Brizola desenvolveu toda uma política de segurança pública, e eu ouvi um capitão da PM que foi dar uma palestra na UERJ dizer que a origem das UPPs estava em seu governo. Nilo Batista e o Marcelo Cerqueira tinham sido secretários de Segurança, e não foi à toa que Marcelo Cerqueira, três anos depois da saída de Brizola do governo, foi assassinado pelas costas, em plena luz do dia, em um hotel no centro da cidade.

Há várias formas de se morrer. Há essa de morte matada e várias outras. Por exemplo, você pode ir matando as ideias e os pensamentos, alienando totalmente a população, porque uma população deseducada é incapaz de pensar e construir um discurso. Digo isso porque, na verdade, são os dois processos humanos do pensamento e da linguagem que permitem ao indivíduo elaborar um discurso oral e escrito.

Trabalho com educação há mais de 40 anos e nunca vi nada que chegasse perto do projeto de Brizola. Acho que foi o maior projeto para o Terceiro Mundo, para a América Latina. O próprio Paulo Freire falou isso em um encontro que organizamos em Niterói. Tenho esse vídeo de Paulo Freire dizendo que o maior projeto educacional da América Latina era o projeto dos CIEPs.

Vários governantes, sucessivamente, fizeram tudo para destruir esse projeto, porque o povo batizou-o de Brizolão. Chamavam as escolas de brizolões de Brizola. Em algumas delas a população exigiu que ficasse CIEP Brizolão, e o nome depois. Isso acabou sendo muito ruim, porque aí a fúria que havia contra Brizola acabou se transferindo para os CIEPs.

Trabalhei com Darcy Ribeiro durante 13 anos. Ele tem uma frase que diz: *Somos todos culpados*. Na verdade, somos todos culpados, porque a academia e a universidade ficaram totalmente contra os CIEPs, totalmente contra o Darcy, além da esquerda de maneira geral. E nós, que nos dizemos tão preocupados com a emancipação do povo brasileiro, quando surge um estadista eleito democraticamente e que se propõe a implementar um grande projeto educacional, além de não participarmos de tal projeto nos colocamos contra.

Essa é uma postura que merece uma autocrítica. Eu, na época, era do PT, e esse foi o motivo pelo qual saí do partido no início dos anos 90. Comecei a considerar que havia algo errado, porque o PT que eu havia criado, o PT que eu havia construído respeitaria e admiraria o Brizola. Quanto aos CIEPs, pode até que a proposta não tenha saído do nosso partido, mas não há por que sermos contra algo que vai ajudar o Brasil, que vai ajudar o povo brasileiro, que vai ajudar as crianças e os jovens.

Tivemos duas ditaduras grandes: a ditadura civil do Estado Novo e a ditadura civil e militar, essa última de 25 anos – e ainda não estudamos profundamente as consequências terríveis desses 25 anos de silenciamento. Em função disso, acredito que ainda somos muito imaturos politicamente. E com essa lógica globalizada neoliberal, sobre a qual o Alceu falou tão bem, somos todos reféns dos cartões créditos e cheques especiais, estamos sempre devendo. Aí, o negócio é abrir farmácia, pois é todo mundo refém da tarja preta. Até as crianças hoje tomam remédio com tarja preta.

Estamos falando de uma sociedade doente, de uma cultura doente. Concordo com o Alceu que não podemos perder o otimismo. Se temos uma bandeira de lutas, se temos pensamentos e ideias, o nosso compromisso é tentar contaminar algumas pessoas com isso, e elas contaminarem outras, como numa rede. Isso sem arrogância, sem acharmos que vamos salvar o mundo. Confesso que há uns 20, 30 anos, eu achava que ia salvar o proletariado. Na verdade, acho que não salvei nem a mim mesmo.

No fundo, é o seguinte. Estamos aqui para fazer algo. Este é o tempo histórico que nos foi dado para viver. Bertolt Brecht, naquela época terrível da guerra, dizia: *Vivemos em tempos sombrios*. Acredito que vivemos em tempos sombrios, mas, mais uma vez, ressalto o filósofo italiano Antonio Gramsci, que dizia: *Temos de ser pessimistas na crítica. Temos de ser duros, não podemos ser ingênuos. Mas temos de ser otimistas propositivos na prática*.

Já estive várias vezes em Porto Alegre e em Caxias do Sul. Neste ano, já vim aqui três vezes. Perguntam meus alunos e filhos: *Mas toda hora Porto Alegre?* E

eu respondo: *É porque lá ainda tem gente querendo falar das coisas em que acredito; aqui, meu amigo, não tem.*

Como dizia o companheiro Marx, *quando as mudanças ocorrem é porque as condições já estão dadas*. Como historiador, também diria que as condições já estão dadas. Esse foi o discurso do Alceu. Este é um ciclo, esta é uma crise que está dando sinais de esgotamento no mundo inteiro. E começou a dar esses sinais no Brasil. Para isso, é preciso ler, estudar, entender um pouco de teoria, tudo para compreender o que está acontecendo.

A frase do Marx é muito importante, é um pensamento fundamentado: *quando as mudanças ocorrem é porque as condições já estão dadas*. Esse movimento está havendo no Brasil e no mundo, como a primavera no Oriente, no Egito. Em 2008, quando estive em Portugal, constatei que lá havia um movimento grande dos sem partido.

Outro ponto importante, dentre os muitos destacados aqui pelo Alceu. Tudo o que ele falou merecia um curso de uns três meses para aprofundarmos cada ideia. Ele mencionou os comunistas. É outra impressão que temos de que os comunistas já eram. No Rio, brincamos que os que hoje são comunistas cabem numa kombi. São maldades da própria esquerda.

Fui para Portugal fazer um curso de pós sobre a Revolução dos Cravos, sobre a militância política dos professores nessa revolução. Trabalho com memórias docentes: como os professores participaram ou não daquele período?

Vim de lá absolutamente maravilhado com a Revolução dos Cravos, que foi algo realmente incrível, de baixo para cima, popular. No fundo, aquilo seria um golpe militar. Eram os militares que estavam insatisfeitos, eram os capitães de abril que estavam insatisfeitos com questões de carreira. O principal detonador foram as guerras coloniais. Ninguém mais queria continuar indo para a África para matar e morrer.

Havia todo aquele processo: Salazar, doente há muito tempo, estava praticamente morto, quem estava respondendo no seu lugar era Marcelo Caetano. Os capitães de abril, então, tomaram a frente e bolaram aquele movimento. Fechado. Quando o movimento foi deflagrado, no entanto, na hora em que eles foram para a rua, a população portuguesa inteira também foi. Então, a população aderiu àquela revolução. Ela transformou-a na sua revolução. Esse é o exemplo prático do que disse o companheiro Marx: *quando as mudanças ocorrem é porque as condições já estão dadas*.

Por que chamei atenção disso no momento em que falei dos comunistas?

Entrevistei professores e outras pessoas que foram fundamentais para o entendimento daquele processo político do 25 de abril de 1974, que agora completa 40 anos. Dentre eles, entrevistei um grande sindicalista, Torres Conto, que me disse: *Nós jamais teríamos feito essa revolução sem os comunistas. Os comunistas foram fundamentais.* Eles são todos do PS, eles são socialistas. Há uma rixa, uma contenda terrível entre os comunistas e os socialistas, não só em Portugal, mas, de certa forma, no mundo inteiro. Nesse momento de uma grande crise, uniram-se todos de novo.

O que percebi? Que o Partido Comunista lá tem expressão até hoje. O Partido Comunista tem parlamentares eleitos, uma voz e autoridade. O tempo em que participei lá – e fui a algumas manifestação de rua –, o que percebi? A presença do Partido Comunista.

Para aqueles que defendem ideias, pensamentos, que realmente acreditam em proposta de mudança para a sociedade, lembro, como Collares o fez, o que Gramsci também falava: *Não se faz política sem paixão. Tem que se ter paixão política.*

Ou seja, a verdadeira política é a da paixão política. O que se vê de corrupção é balcão de negócio. É uma comercialização, banalização, da ideia do que seria política, que vem lá da civilização grega, na qual, na verdade, tinha como escopo a ética, da qual a política integrava como uma subdivisão.

O que vemos hoje aí, na realidade, é balcão de negócio. É a mesma lógica, neoliberal, globalizada, de quem dá mais. O Rio de Janeiro é exemplo crasso disso.

Quando perguntarem em quem votaremos? Não vamos nem saber o que responder, porque é uma salada de frutas e sopa de letrinhas inacreditáveis. Felizmente, lançarei o meu livro em Lisboa, no dia 3 de outubro, sobre esse trabalho do pós-doutorado. Não terei que sofrer nesse primeiro turno. Vou assistir de longe. Achei gozado alguém me lembrar que poderia votar na embaixada. Só pode estar-me gozando. É brincadeira.

Gente, as próximas eleições nunca são muito importantes. Digo uma coisa que aprendi para os meus alunos e filhos, depois de anos estudando – e fiz um pós-doutorado em Ciência Política: quem dá autoridade às pessoas e às instituições somos nós.

De repente, conferimos uma autoridade muito grande a esses senhores e senhoras que estão aí dizendo que fazem política nas próximas eleições. Sou educadora. Meu grande mestre foi Darcy Ribeiro. Preocupo-me com as próximas gerações.

Então, sei que as próximas eleições não são tão importantes, porque, às vezes, perdendo, ganha-se, e, ganhando, não se leva. Portanto, não se pode achar que a eleição decide tudo. Se olharem a eleição no Rio de Janeiro, é uma brincadeira. Está-se oferecendo a vaga do Senado do ex-governador Sérgio Cabral ao César Maia, que é o maior inimigo, ou o Romário, que é o jogador; ou então entraram procurando o Bernardinho, do voleibol, para ver se queria ser prefeito.

Há ainda a vereadora, que é a Loira do Funk, e o Babu, que transformou São Jorge em mais um feriado. Brasileiro que gosta de feriado igual a carioca não existe. Como os políticos sabem disso, utilizam-se desse expediente. Foi assim que a esquerda, de Gabeira, perdeu a eleição para prefeito do Rio de Janeiro. Habilmente, Eduardo Paes falou assim: *Carioca não resiste a um feriado. Vamos dar um feriadão antes e depois da eleição.*

Dito e feito. A esquerda, os conscientes, os coletivos, foram todos viajar e disseram: *Só meu voto não vai fazer a diferença.* O Eduardo Paes ganhou por 3%, pela esquerda festiva que estava viajando. Então, acho, como diz Darcy Ribeiro, que somos todos culpados.

Agora, quem quiser conhecer um pouco do legado do Leonel Brizola, organizamos na UERJ um laboratório, que é o LER, Laboratório de Educação na República, em que já orientei algumas monografias, mestrados, doutorados, pós-doutorados, concluídos, com publicações, livros, artigos, aos quais quem tiver interesse pode entrar no *site* e acessar à bibliografia, muitas delas em PDF, até porque dissertações de mestrado e teses de doutorado, obrigatoriamente, têm de ser oportunizadas em PDF.

A maioria do meu programa, que é o ProPEd, Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, da Faculdade de Educação, e também do PPFH, que é um outro programa multidisciplinar de Políticas Públicas e Formação Humana, também da UERJ, tudo está publicado em PDF.

Então, há vários trabalhos já publicados. Estamos formando uma nova geração, porque essas pessoas que estão produzindo publicam no LER, no Laboratório Educação e República – e como graduados ainda –, com monografias, variam de 20 a 40 anos. É uma outra juventude que nunca havia ouvido falar de Brizola, e que hoje está maravilhada e apaixonada.

Preciso recuperar também um Anísio Teixeira que se reportava ao grande intelectual de educação que este País já teve, o mestre Darcy Ribeiro. O que Anísio dizia: *A máquina que constrói a democracia é a educação.* E Brizola acreditou nisso.

Pensamento, legado político e social do líder trabalhista gaúcho-Leonel Brizola
Porto Alegre – 24-06-2014

Para concluir, porque, senão, a gente sai falando toda a vida, então, aproveitei para falar mais enquanto o professor não vem. Estou ocupando o seu lugar.

Neste meu livrinho do pós-doc Ciência Política *Chaguismo e o Brizolismo: territorialidades políticas da escola fluminense*, em que mostro como até Brizola e nós todos fomos ingênuos porque o que havia no Rio de Janeiro era toda uma armação, toda uma orquestração que vinha desse fenômeno político desse estado que se chama chaguismo.

Baseei-me principalmente em (ininteligível) e em Eli Diniz, que é uma grande cientista política que vem a ser irmã de Leila Diniz, que faz uma pesquisa com mais de 2 mil pessoas, durante quatro anos, sobre o chaguismo no Rio de Janeiro, na qual mostra que as suas estratégias eram semelhantes às estratégias da máfia em Chicago. Está aqui escrito em teóricos, fundamentado.

Portanto, às vezes somos muito ingênuos. Pensávamos: acabou a ditadura, veio a democratização, a abertura, estamos voltando, vai ser tudo como antes. Não. Nada é como antes.

Agora, o Gaudêncio Frigotto – e sempre que venho aqui faço questão de trazê-lo comigo, pois é um grande amigo, foi o orientador do meu mestrado e do doutorado do meu marido –, que é fruto de uma brizoleta, de família pobre, do meio rural, escreveu o seguinte no prefácio do meu livro: *A herança do brizolismo se gesta num contexto de transição dupla do autoritarismo e violência da ditadura civil e militar e da cultura chaguista*.

Não bastava toda fúria que vinha da Globo, etc., num tempo de mobilização da sociedade emerge a organização do magistério com o Sindicato dos Professores do Estado do Rio de Janeiro – Sepe –, que acaba sendo um dos mais atuantes.

O livro de Lino permite-nos entender que o legado que se estatui no embate para a reconstruir e pensar a república sob o binômio de trabalhismo e brizolismo engendra nele positividade e negatividade.

Positividade por repor na agenda republicana a educação e, dentro dela, uma questão maior. Vale dizer, como sublinha a autora, *uma questão da grande política e da pequena política, tradição do clientelismo e do nepotismo*. Nisso, se juntavam duas histórias de personalidades fortes: um engraxate que se tornou engenheiro, depois governador e, finalmente, candidato à presidência da República; e um mineiro de classe média que se notabilizou como antropólogo e grande defensor da educação pública e, por fim, senador da República.

Uma das marcas do governo Brizola no Rio Grande do Sul na década de 50

Pensamento, legado político e social do líder trabalhista gaúcho-Leonel Brizola

Porto Alegre – 24-06-2014

foi, sem dúvida, seu empenho em tirar a educação fundamental especialmente da esfera privada e universalizá-la como instituição pública. Onde houvesse 20 crianças, se construía uma escola, notabilizada como brizoleta.

Considero maravilhoso este seu depoimento: *como filho de pequenos agricultores, pertenci à primária geração de alunos da Escola Borba Gato – o Gaudêncio está com quase 70 anos e lembra-se do nome da escola e do nome da professora que o alfabetizou –, cuja professora Terezinha Dariva, normalista formada – e observem que interessante o que ele fala aqui – que além de dominar o nosso dialeto – eles falavam o dialeto italiano – tinha o preparo para fazermos a travessia para a Língua Portuguesa e seguir com a nossa escolaridade.*

Ou seja, era uma professora preparada. A professora dessa brizoleta no meio rural era preparada, dominava a Língua Portuguesa.

E agora vem o mais importante: Brizola fez uma revolução no Rio Grande do Sul e ainda não se deu o justo valor e o lugar a essa revolução da educação que ele fez.

Quebra-se um tempo secular em que o professor era, em geral, um prático ligado a caciques políticos, à igreja, ou às duas coisas juntas. O ideário republicano da escola pública, laica, gratuita e universal se explicitava na prática. Ou seja, Brizola contrariou todos esses interesses de uma igreja católica que ainda dominava a educação, de escolas privatistas, de caciques políticos, que, por meio do nepotismo, colocavam as filhas, as amiguinhas, as afilhadas para serem professoras, muitas vezes leigas, sem formação.

Ele continua: *os CIEPs, que se tornaram ícones do legado brizolista, resultaram de uma tríplice simbiose. Aí a análise do Gaudêncio: o legado das brizoletas, o legado do pensamento liberal social de educação, dentro do qual Darcy Ribeiro se forma, e do diálogo com experiências socialistas e democráticas e o trabalhismo como herança política de Getúlio Vargas.*

À positividade acima destacada, juntou-se o aspecto político-partidário de uma tradição que, até hoje, se mantém na controvérsia pela direita e pela esquerda, o trabalhismo varguista. Não por acaso as brizoletas passaram a se denominar brizolões.

Gaudêncio nunca foi filiado ao PDT. Aliás, jamais quis se filiar a partido algum, embora seja muito próximo do PT, do pessoal do governador Tarso Genro. Não aceitou nenhum convite que foi feito. Foi convidado várias vezes no governo do PT para ser ministro da Educação, para fazer parte do Conselho Nacional de Educação e rejeitou todos os convites. Quer dizer, Gaudêncio quis manter a sua

liberdade de pensamento, de ideias, até para que possa, como sempre fez, reconhecer os méritos e o legado do Brizola e de Darcy Ribeiro.

Quando estamos falando na educação como legado de Brizola, quero destacar que o legado de Brizola não é só em relação a essa escola formal, ao ensino fundamental, às crianças e aos jovens. Penso que o grande legado também de Brizola é na educação política. E cabe a nós alardear, criar redes, cada um de seu jeito, para atingir outras pessoas, principalmente os jovens, que nem sabem que isso existiu.

Obrigado. (palmas)

O SR. COORDENADOR (José Vicente Tavares) – Muito agradecido, professora Lia.

Gostaria de passar a palavra à deputada estadual Juliana Brizola, líder do PDT na Assembleia deste Estado. A deputada Juliana Brizola nasceu em Porto Alegre, mudou-se para o Uruguai em função do exílio imposto ao seu avô, Leonel Brizola, pela Ditadura Militar. Em 1982, foi morar no Rio de Janeiro, quando Leonel Brizola se elegeu governador do Estado. É formada em Direito pela Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, e fez mestrado em Ciências Criminais pela PUC do Rio Grande do Sul.

Quero ressaltar que já no seu primeiro mandato a deputada fez aprovar na Assembleia Legislativa uma emenda constitucional transformando o projeto das escolas de tempo integral e um projeto de Estado.

A SRA. JULIANA BRIZOLA – Bom dia a todos.

É uma satisfação muito grande estar aqui, hoje, neste seminário proposto pela Assembleia Legislativa, para tratar deste – a professora Lia Faria não gosta muito que assim o chame – político estadista, que é o meu avô Leonel Brizola.

Gostaria de fazer uma saudação especial ao nosso mediador, professor José Vicente.

Para mim é uma honra muito grande estar compondo esta mesa com a professora Lia, que, além de ter sido o braço direito do professor Darcy Ribeiro, quando se implementou o projeto dos CIEPs no Rio de Janeiro, é hoje, na minha modesta opinião – e também para aqueles que estudam e conhecem as escolas de tempo de integral de Leonel Brizola –, a pessoa que mais conhece o assunto. Ela até não se referiu muito aos CIEPs e à escola de tempo integral no seu pronunciamento,

até porque entendo que, pelo pouco tempo, não seria possível explicar tudo o que é necessário para que se conheça esse projeto, que, na verdade, é pouco conhecido, inclusive por nós mesmos, pedetistas e trabalhistas.

Entendo que, independente de partidos, aqueles que se interessam pela escola de tempo integral, nos moldes dos CIEPs e nos moldes que Darcy Ribeiro concebeu junto com Leonel Brizola, devem procurar a professora Lia Faria, porque hoje ela, neste País, é quem mais entende do projeto trabalhista para a educação.

Dito isso, quero fazer uma saudação muito especial a algumas pessoas que já vi aqui, como o companheiro de uma vida toda do meu avô Leonel Brizola, que esteve falando de manhã, que é o Fontourinha; também ao companheiro Índio Vargas, que sempre prestigia os momentos importantes do nosso partido, do trabalhismo e de tudo o que se refere a Leonel Brizola; ao sempre companheiro Ney Ortiz Borges; ao Orion Cabral, que também está sempre conosco; às pessoas da minha família presentes, que são o tio Jesus e minhas primas Márcia e Débora.

Quero agradecer imensamente a presença de todos os companheiros e companheiras que aqui se encontram.

Começarei meu pronunciamento apontando uma diferença, porque entendo que muitas pessoas falam, hoje, sobre a escola de tempo integral. Na verdade, se fala em educação integral, ou seja, se fala em preencher o tempo da criança para que ela não vá para a criminalidade. Esse é o discurso base.

Brizola pensou muito além disso: ele não queria apenas preencher o tempo da criança ou criar uma escola que fosse um depósito de crianças, para que os pais pudessem trabalhar. É muito mais do que isso.

Quando Leonel Brizola, que foi um menino pobre, alfabetizado pela sua mãe, teve a oportunidade de sair lá da querida Carazinho e vir estudar na Capital, se formando engenheiro e vindo para a vida pública, percebeu o quanto a educação fez diferença na sua vida; entendeu que a educação faz a diferença na vida de qualquer pessoa que tem a oportunidade de estudar de verdade, numa escola de verdade, que ensine de verdade.

Na verdade eu penso que Brizola, o Estadista da Educação, é muito mais do que o Estadista da Educação; ele é o estadista que quer um projeto como o do nome do nosso painel, ou seja, a consolidação de uma nação.

Um povo soberano não é um povo que não frequenta a escola, uma escola de qualidade; um povo independente, livre de verdade, é um povo educado.

Pensamento, legado político e social do líder trabalhista gaúcho-Leonel Brizola
Porto Alegre – 24-06-2014

Talvez este tenha sido o grande problema e defeito de Leonel Brizola. Como ele enxergou que a libertação do povo brasileiro viria por intermédio da questão educacional, de uma educação pública de qualidade, ele sempre foi boicotado, assim como a educação pública no nosso País, com 500 anos de boicote.

Hoje enxergamos um País melhorado sob vários aspectos, mas infelizmente na questão educacional o que vemos é um quadro extremamente perverso. As nossas crianças não saem das nossas escolas preparadas para nada. Essa é que é a grande verdade.

Por isso eu penso que é importante que se diferencie quais os projetos que estão postos aí, até porque vejo uma plateia basicamente de pedetistas e de trabalhistas, mas que para minha tristeza – e talvez do meu avô onde quer que ele esteja – muitas vezes eu vejo o partido muito longe do que seria esse projeto educacional. Por isso temos a obrigação de divulgá-lo, de dizer para a Nação que o PDT conhece o caminho para a verdadeira educação pública de qualidade, mas precisamos que o PDT se aproprie desse discurso, mas não só do discurso, que se aproprie também da prática, porque essa era a diferença de Brizola em relação aos demais.

Hoje uma educação de qualidade é unanimidade nos discursos dos políticos. Todos dizem que vão investir em educação, que educação é importante. Quando se liga a televisão, vemos as propagandas que dizem que a educação melhorou muito, que o Brasil tem educação, que procurem a sua escola, mas no entanto vimos que isso não existe.

Infelizmente os políticos estão longe da prática. Mas Leonel Brizola fez o caminho contrário quando governou este Estado – como já foi dito aqui com muita propriedade –, construindo mais de 6 mil escolas para erradicar o analfabetismo.

Se hoje a professora Lia Faria, essa sumidade na área da educação, diz que tem inveja de nós, gaúchos e gaúchas, é porque este Estado teve um governador que há mais de 40 anos investiu de verdade em educação, que priorizou de verdade a educação.

Não há muita mágica em priorizar a educação. É fazer mais ou menos o que disse a professora Lia Faria, que Brizola, quando governou o Rio de Janeiro, destinou 37% do orçamento para a questão educacional, valorizando os professores, deixando as escolas, sim, fisicamente agradáveis e aprazíveis. Afinal, quem gosta de estudar numa escola caindo aos pedaços? O filho do pobre? Num contêiner, como já se viu essa realidade há pouco tempo neste Estado?

Entendo que é importante que nós, que estamos aí empunhando a bandeira

de Brizola, que em todos os lugares a que vamos gostamos de dizer que somos brizolistas, que somos do partido do Brizola, realmente conheçamos o projeto educacional que Brizola propôs para o nosso País.

O projeto educacional que Brizola propôs, baseado no professor Darcy Ribeiro, foi o dos CIEPs. O projeto dos CIEPs pressupõe que a criança fique o dia inteiro dentro da escola, que não é apenas um depósito de crianças.

Hoje nós temos outros projetos que falam de educação de tempo integral ou turno integral, há vários nomes. Por exemplo, o governo federal, do PT, propõe o Mais Educação na escola, para onde a criança vai pela manhã, frequenta normalmente e, à tarde, ela tem a opção de participar das oficinas, quase que como um *hobby* para aquela criança, se ela quiser, se ela puder. E quem ministra as aulas não são professores do quadro do Estado ou do Município. Não, são oficineiros, quase que um voluntariado.

Particularmente eu não acredito em voluntariado na educação. Quem tem dinheiro para pagar por uma boa educação para o seu filho sabe que não quer um professor voluntário, quer um professor bem pago.

Com todo respeito que tenho ao projeto do governo federal, esse não é o nosso projeto. É bom que se faça essa distinção. No nosso projeto, não há opção. A criança é obrigada a frequentar a escola o dia inteiro. As matérias, as cadeiras, como quer que chamem – eu sou de outra época, e agora se chama de outra forma –, são ministradas por professores do quadro, sim, que dentro daquela escola permanecem por 40 horas. Não é nada opcional. Não tem opção; é obrigatório. São sete horas diárias minimamente. São três refeições.

Existe ainda um outro projeto, que é muito aplicado aqui na cidade de Porto Alegre, infelizmente governada pelo PDT que não quis se apropriar do projeto trabalhista, que são os CIEPs. Preferiu outro projeto que se chama Cidade Escola, em que se credenciam as escolas em algumas entidades, como, por exemplo, Internacional, Grêmio, Instituto Ronalinho. Colocam as crianças dentro dos ônibus de tarde ou no contraturno – como gostam de dizer – e levam-nas para esses lugares. Não é obrigatório, vão se querem, se podem.

Entendo que todos esses projetos são melhores do que se não existisse nada, mas não posso me conformar como sendo esse o nosso projeto, dos trabalhistas, dos herdeiros de Brizola. Não sou herdeira porque sou neta, mas porque acreditamos nele, acompanhamos a trajetória dele, levantamos a mesma bandeira que ele. Temos que sair daqui, andar pelas ruas, conversar com as pessoas nos cafés, nas praças, e dizer qual o projeto trabalhista para uma educação, já que a educação está vivendo uma grande crise, em que os professores são mal pagos, os alunos não respeitam os

professores, e as escolas estão todas caídas. Alguém acredita que o Brasil vai ser uma nação de verdade, lá no topo, com um povo que não é escolarizado? Não adianta podermos viajar duas vezes por ano para a Europa, comprar o carro do ano em 60 parcelas, ter casa do Minha Casa, Minha vida, enfim, fazer tudo isso que está se tendo condições hoje em dia se na verdade não dermos oportunidade de aquela pessoa ser consciente.

Para mim, o Dr. Collares é um homem extremamente polêmico. Tenho uma admiração muito grande por ele, porque, para mim, ele é hoje, no Brasil, o maior brizolista vivo. Por que digo isso? Porque é muito fácil homenagear Leonel Brizola. Se olharmos a trajetória política dele, pensamos que esse é o político exemplo para todos nós, ainda mais num tempo tão difícil para os políticos. Foi um homem investigado, que passou 15 anos no exílio, voltou e comprou briga com a Rede Globo. Homenageá-lo é muito fácil. O Fontourinha elencou muito bem as obras que Brizola fez neste Estado quando governou. A professora Lia disse que pareciam as obras da Copa.

Digo que Collares é o maior brizolista vivo, porque, quando ele governou este Estado, teve a humildade de trazer para cá o projeto dos CIEPs. Isso é homenagear Leonel Brizola na prática, de verdade. Botar nome de viaduto, colocar busto, estátua, é muito importante para reverenciarmos a memória e mantê-la sempre viva, mas de verdade quem quer realmente homenagear Brizola, independentemente de partido político, se governa, se tem mandato, põe em prática aquilo que Brizola faria.

Digo isso em relação ao Dr. Collares porque, para mim – eu não vivia aqui na época do seu governo –, o governo dele vale pelos 90 CIEPs que ele deixou neste Estado, que infelizmente foram completamente descaracterizados. Os que sobreviveram com tempo integral, aos moldes de Darcy Ribeiro e Leonel Brizola, foi porque a comunidade escolar abraçou com unhas e dentes e disse: *Aqui não. Queremos continuar.* Foram pouquíssimos. A cidade de Porto Alegre tem inúmeros, mas apenas um CIEP tem o tempo integral. No Estado, até o final do ano passado, eram 29 que tinham tempo integral. Estamos tentando fazer um resgate dessa questão do tempo integral aos moldes do Darcy Ribeiro e do Brizola. Repito mais uma vez que o projeto trabalhista para a educação pública do nosso País vem lá do Dr. Getúlio, passando pelo Jango e chegando ao Brizola. É claro que primeiro precisamos pensar no nosso Estado.

Faço esse registro em relação ao meu avô Leonel Brizola, porque acho muito importante que possamos entender o que ele queria quando investia em educação, quando priorizava a educação, quando falava nas perdas internacionais, quando, como disse a jornalista aqui, ele ficava falando do FMI. Ele sabia que, para mudar realmente, tinha que ser por meio da educação.

O que vemos hoje? Eleições de quatro em quatro anos ou menos, de dois em dois anos. Uma máquina de dinheiro tremenda. A maioria que se elege é porque tem muito dinheiro, compra votos, vai na vila tal e asfalta, consegue uma vaguinha para o fulano estudar não sei aonde, dá uma cesta básica ou consegue luz. Nós que estamos na Assembleia Legislativa, do outro lado da rua, viramos praticamente um despachante de luxo. Recebemos o tempo inteiro pedido para vaga no hospital, para isso e aquilo. Política é muito mais do que isso, mas, infelizmente, a falta de uma educação pública de qualidade faz com que o nosso povo seja o que é, e talvez isso sirva para os que estão aí, para os que vivem se reelegendo.

Quem é que quer um povo escolarizado, um povo com discernimento, um povo consciente? Leonel Brizola dizia querer que o Brasil fosse inundado de mentes esclarecidas, e é por isso que o Dr. Collares afirma: *O teu voto é a tua única arma/Põe o teu voto na mão*. Hoje, entretanto, o voto ainda não é a arma do povo, porque ele não tem essa conscientização.

A conscientização só virá através de uma educação. E é importante que se diga que Brizola, ao militar pela causa da educação, foi muito corajoso. É muito mais fácil para um político militar em outras áreas, como a do asfalto, por exemplo. Se mando pavimentar determinado trecho, amanhã todo mundo estará feliz comigo, votando em mim na próxima eleição.

Isso também ocorre com outras áreas, mas não com a educação. Quem trabalha na área educacional sabe que tudo é penoso, tudo é difícil, e os frutos custam muito a aparecer. É verdade que, quando aparecem, são para sempre, sendo verdade também que a educação vai com você para onde você for. Ninguém a tira de você. Mas o que vemos é um abismo entre o que existe e o que é necessário para o nosso povo ser realmente um povo soberano, para que o Brasil tenha o significado que tem, com toda aquela emoção da Copa do Mundo, do povo cantando o hino. Se um quinto de tudo aquilo fosse colocado nessa questão de se refletir sobre que educação queremos, creio que poderíamos ter uma perspectiva melhor para o nosso País.

Vejo só gambiarra em relação à educação. É uma gambiarra aqui, se ajeita ali, etc. Nada de profundo é feito, uma reforma educacional mesmo, que pegue lá na base. Vejo muitas políticas preocupadas com as universidades e pouca preocupação com o ensino de base, no qual tudo começa, lá nas nossas crianças, para que realmente elas cheguem ao momento de cursar a universidade tendo capacidade de competir com quem veio de uma escola particular, com quem teve a oportunidade de estudar em uma escola paga, na qual o aluno tem acesso a tudo aquilo que está na Constituição.

Esse é o maior abismo que há no nosso País. Está escrito em nossa

Constituição que é obrigação do Estado prover uma educação pública de qualidade. Essa devia ser a primeira aula a ser dada na cadeira de Direito Constitucional, para quem faz Direito. Deveriam dizer: *Olha, esta Constituição aqui não vale nada, porque o art. V, que fixa garantias fundamentais, não é aplicado no nosso País.*

Nesses 10 anos que estamos sem Brizola assinalamos muitas qualidades, muitas características. É como disse o professor Juremir: devemos registrar tudo o que foi dito nesse período. E a coluna que o professor escreveu no dia 21, para mim, resume muito bem quem foi Leonel Brizola.

Considero importante que essas homenagens e seminários sejam feitos. Tudo isso é importante para se manter viva a memória de quem foi Brizola e para se mostrar às novas gerações que é possível, sim, se fazer política com dignidade, com honestidade, respeitando-se o dinheiro público; que é possível a pessoa fazê-la não se locupletando, não querendo ganhar vantagem politicamente, sendo coerente em sua trajetória e sabendo exatamente em que campo ideológico atua. Também é muito importante, contudo, que isso não fique apenas pairando no ar. Brizola teria orgulho de todos aqueles que de alguma forma foram seus discípulos e que estão tentando fazer algo, estão tentando mudar de verdade a vida. E não vejo outra saída que não a educação.

Em função disso, nós, que continuamos no partido que Brizola fundou, que continuamos segurando esta bandeira e temos tanto orgulho de dizer que *somos do partido do Brizola*, temos essa obrigação. Se não a tivéssemos, seria melhor até o PDT fechar as portas, para não virmos a envergonhar essa trajetória, essa história tão linda que vem lá do Dr. Getúlio.

Devemos investir e lutar de verdade pela educação. Não vejo mais como o PDT possa fazer alianças apenas para ocupar secretarias e cargos. Não dá mais, o nosso partido vai se descaracterizar. Temos que fazer alianças que proponham, por exemplo, a escola de tempo integral, a não ser que o PDT se reúna e faça um grande seminário, decidindo que a escola de tempo integral, aos moldes dos CIEPs, não tem mais nada a ver com o partido, e deixando isso claro para a população.

A professora Lia abordou muito bem a questão das UPPs no Rio de Janeiro. Há um investimento maciço em segurança pública naquela cidade – *e vamos penalizar, e vamos colocar na cadeia, e vamos construir presídios, e vamos reduzir a idade penal* –, mas ninguém trata da educação, da oportunidade para aquele menino pobre que nasce lá na favela e não tem direito a nada. O Estado cobra dele tudo, mas ele não tem direito a nada. Para aonde ele vai? Vejo falarem: *O que falta no País é punir. A impunidade é o problema.* Não sei onde, porque os presídios estão lotados. *Ah, pode ser em alguma classe, aí, que essa, sim, nunca vai presa.*

Pensamento, legado político e social do líder trabalhista gaúcho-Leonel Brizola
Porto Alegre – 24-06-2014

Então, acho que é uma inversão. Faço esse desabafo. Estamos na Assembleia Legislativa, mas penso que estou aqui perante uma plateia que entende bem o que quero dizer.

Temos uma responsabilidade muito grande em relação a todo esse legado e história. Hoje, são 10 anos. Amanhã, vão ser 50, e a história irá cobrar-nos o que aconteceu com tudo isso, o que foi tudo isso.

Não adianta ficarmos somente dizendo que somos do partido do Leonel Brizola, que foi um político correto, se, na verdade, quando temos a oportunidade de colocar em prática, não agimos. Temos essa obrigação.

Faço praticamente um apelo a todos: que nos ajudem, prestem atenção a tudo que está acontecendo, porque iremos passar, mas, depois de nós, virão outros, nossos filhos, netos, bisnetos. Que herança de País vamos querer deixar para eles?

Leonel Brizola foi muito claro quando investiu maciçamente em educação no sentido de deixar-nos uma herança, porque a maioria dos políticos trabalha para a próxima eleição. Trabalho, como ele trabalhava, para as próximas gerações. Essa era a grande diferença de Brizola.

Muito obrigada.(palmas)

O SR. PARTICIPANTE – Não se fala muito no Rio Grande do Sul. Falei sobre ele com o Brizola. Conheci o Brizola, o Darcy Ribeiro e o professor Anísio Teixeira.

A SRA. LIA CIOMAR MACEDO DE FARIA – O Anísio Teixeira foi o grande intelectual da educação.

O SR. PARTICIPANTE – O Brizola parecia descuidado, mas sabia quem era o Anísio, homem que foi muito combatido no Brasil, sistematicamente, sobretudo na época em que a Igreja Católica era a favor da ditadura.

A SRA. LIA CIOMAR MACEDO DE FARIA – Isso que Anísio foi criado para ser padre.

O SR. PARTICIPANTE – A Igreja Católica deu uma mão muito forte para

que se derrubasse o Jango.

A SRA. LIA CIOMAR MACEDO DE FARIA – E Anísio afasta-se da Igreja.

O SR. PARTICIPANTE – Então, a senhora fez essa referência.

O Anísio Teixeira era, nada mais, nada menos, do que a pessoa mais entendida e profundamente preocupada com a educação no Brasil.

Ele não era só um teórico, não. Era um homem da prática, de fazer as coisas.

A SRA. LIA CIOMAR MACEDO DE FARIA – Cria a primeira escola de educação integral, a Escola Parque, na Bahia.

O SR. PARTICIPANTE – Eu o entrevistei, lá, no Ministério da Educação, naquele prédio. Li um livro de um grupo de intelectuais, cariocas, entre os quais, o Darcy Ribeiro, sobre ele. Não foi ele quem disse que era o tal. São os outros que dizem que ele era o tal. Não foi ele quem criou uma situação para simplesmente provocar a direita empedernida. Não. Foi a direita empedernida que ficou o marcando.

E mais, a morte do Anísio Teixeira, em 1971, em plena ditadura, foi muito obscura.

A SRA. LIA CIOMAR MACEDO DE FARIA – Encontraram-no em um poço de elevador com apenas um pé do sapato, todo vestido de terno. Como ele iria sair de casa com um pé do sapato?

O SR. PARTICIPANTE – Todas essas coisas são muito obscuras. O filho deu uma declaração dizendo que não acreditava que a morte do pai tenha sido um acidente, que teria caído no poço.

A SRA. LIA CIOMAR MACEDO DE FARIA – Não foi acidental.

Pensamento, legado político e social do líder trabalhista gaúcho-Leonel Brizola
Porto Alegre – 24-06-2014

O SR. PARTICIPANTE – A ditadura estava o marcando. Pois a ditadura se ocupou de mim, perdido aqui, completamente obscuro. Cassou-me. E será que não iria matar o Anísio Teixeira, que era o homem que comandava, que tinha na cabeça a educação do Brasil? Ele tinha projetos objetivos, claros, fazia as coisas para transformar a educação.

Acho muito bom que aliemos a campanha da Juliana, que tem de saber que está num Estado em que, quando foi iniciada a implantação – modesta, é verdade –, do tempo integral, o PT, que era a esperança do povo brasileiro, que havia estudado livros marxistas, e não sei mais o quê – acho que nem passaram perto de *O Capital*, é capaz de terem um desmaio ao lê-lo –, foi contra. A verdade é essa.

O Anísio Teixeira deve ter estado presente no projeto de implantação, ou de divulgação ou de conscientização, como queiram, da escola de tempo integral. A sua presença aqui foi muito enriquecedora para o nosso trabalho.

Juliana, quando quiseram implantar o tempo integral, o PT disse o seguinte: *Escola não é hotel*. Reparem a maldade, a crueldade dessa gente. Os miseráveis vão lá também para fazer uma refeição e aprender. Vão para juntar as coisas e conseguir um resultado edificante. Pois o PT dizia que não era hotel, como quem diz: *A fome não se mata aqui*. Eles devem saber um lugar onde se mata a fome.

Muito obrigado.

O SR. COORDENADOR (José Vicente Tavares) – Agradecemos a participação da professora Lia, da deputada Juliana Brizola e do vereador Índio Vargas.

Queremos convidar a todos para participarem da continuidade deste seminário, às 17 horas, que tratará sobre *Reforma Agrária: de Brizola aos Nossos Dias, uma Luta Sempre Atual*, com os painelistas João Pedro Stédile, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, e Paulo Alberto Schmidt, do Instituto Gaúcho de Reforma Agrária.

Muito obrigado.